



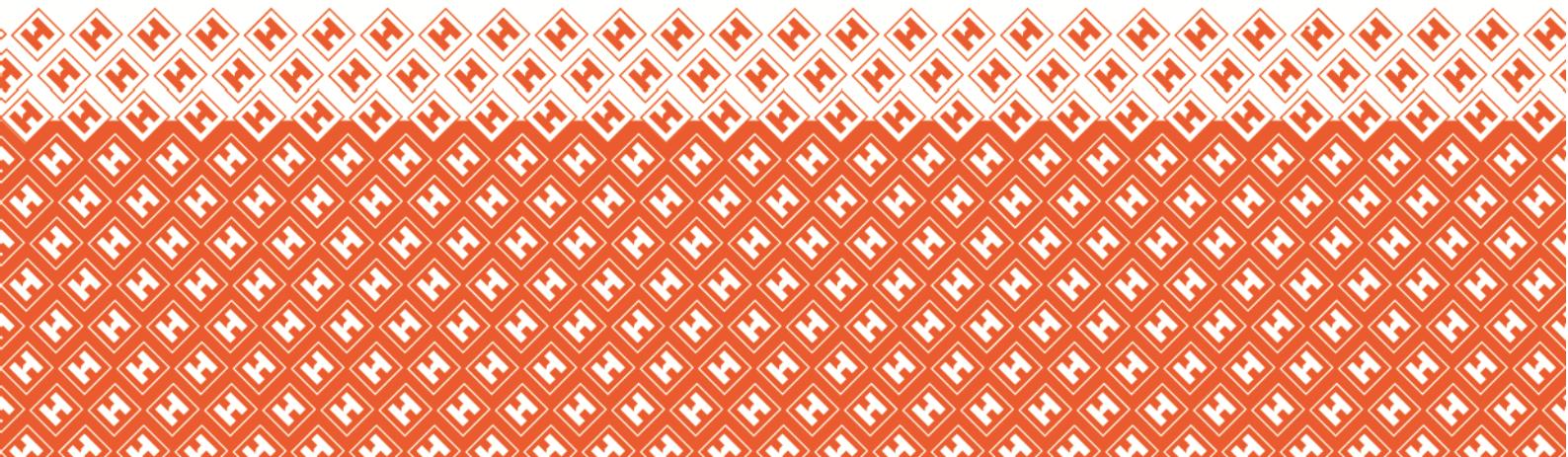
PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

MONNA KAROLINA BEZERRA KAMIKAWACHI

**“EU VIM TOCAR ESSE TAMBOR, EU VIM TRAZER ESSE SABER”,
AS TOADAS DE BOI-BUMBÁ DE PARINTINS: UM RECURSO
DIDÁTICO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NOS
ANOS INICIAIS**

Boa Vista, RR
2024



MONNA KAROLINA BEZERRA KAMIKAWACHI

**“EU VIM TOCAR ESSE TAMBOR, EU VIM TRAZER ESSE SABER”,
AS TOADAS DE BOI-BUMBÁ DE PARINTINS: UM RECURSO
DIDÁTICO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NOS
ANOS INICIAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Roraima (UFRR), como parte das exigências do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), para a obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Ensino de História.

Orientador/a: Profa. Dra. Carla Monteiro de Souza

Boa Vista, RR
2024

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

K15e Kamikawachi, Monna Karolina Bezerra.

“Eu vim tocar esse tambor, eu vim trazer esse saber”, as toadas de boi-bumbá de Parintins: um recurso didático pedagógico para o ensino de História nos anos iniciais / Monna Karolina Bezerra Kamikawachi. – Boa Vista, 2024.

91 f. : il. Inclui Apêndice(s).

Orientadora: Profa. Dra. Carla Monteiro de Souza.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Roraima. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - PROFHISTÓRIA.

1. Ensino de história. 2. Toadas. 3. Aprendizagem. I. Título. II. Souza, Carla Monteiro de (orientadora).

CDU (2. ed.) 372:93(811.3)

MONNA KAROLINA BEZERRA KAMIKAWACHI

**“EU VIM TOCAR ESSE TAMBOR, EU VIM TRAZER ESSE SABER”,
AS TOADAS DE BOI-BUMBÁ DE PARINTINS: UM RECURSO
DIDÁTICO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NAS
SÉRIES INICIAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Roraima (UFRR), como parte das exigências do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Monteiro de Souza

Boa vista-RR, 30 de setembro de 2024.

NOTA: _____

Membros da Banca Examinadora

Profa. Dra. Carla Monteiro de Souza

Presidente – ProfHistória/UFRR

Prof. Dr. Francisco Marcos Mendes Nogueira

Examinador externo – Rede Estadual de Ensino de Roraima

Prof. Dr. Benedito Carlos Costa Barbosa

Examinador interno – ProfHistória/UFRR

Dedico este trabalho às pessoas que me fizeram dar o primeiro passo para essa grande jornada, em especial aos meus amores Washington Bueno Kamikawachi e Karolina Bezerra Kamikawachi.

AGRADECIMENTOS

São tantas memórias ao longo desse processo de pesquisa que ainda me deixam emocionadas. Lembrar por tudo que passei deixa claro que, no final, valeu a pena. Enfim, serei mestre através dos meus mestres que logo citarei abaixo, a jornada não foi fácil, entre idas e vindas até Boa Vista, isso tudo me fez perceber o quanto Deus tem me segurado e cuidado de mim e da minha família.

Foram horas dentro de um ônibus, foram várias hospedagens, saudades da minha filha e de meu esposo, conciliando entre trabalho, casa, família e o mestrado. Pensava que não seria capaz devido a minha formação em Pedagogia, mas o corpo docente do Mestrado Profissional em Ensino de História da UFRR me fez entender que minha contribuição tem o seu real valor no Ensino de História, nas Séries Iniciais, e que, de fato, sinto-me orgulhosa em representar esse ensino e defender a importância do ensino de história para as crianças.

Quero primeiramente agradecer à Deus pela oportunidade apresentada diante de mim, pelos cuidados entre minhas idas e vindas entre Manaus e Boa Vista, cuidados e proteção com a minha família, em especial meu esposo Washington Kamikawachi e minha filha Karolina.

Ao meu esposo Washington Bueno Kamikawachi que abraçou minha jornada como se fosse a sua, que cuidou da nossa filha enquanto estive fora, e chorou junto comigo quando pensei em desistir, que não mediu esforços para ajudar; ao meu grande parceiro de vida, a minha eterna gratidão.

À minha mãe, Marilza Souza Bezerra que, mesmo com todas as suas dificuldades, teve de sair do seu emprego para cuidar da minha filha e apoiar a minha jornada.

Ao meu pai, Pedro Torres Bezerra, que apoiou com suas palavras de bençãos e oração.

À minha querida orientadora, Drª Carla Monteiro de Souza, que abraçou a minha causa pelo ensino de história nas séries iniciais. É com muita admiração e carinho que gostaria de expressar meu agradecimento por tudo que vem me ensinado, fornecendo orientações valiosas e contribuindo para o desenvolvimento. Obrigada pela confiança no meu trabalho, pelo respeito, pela compreensão e pelos sábios conselhos durante as nossas conversas. Você transcende a excelência ao ensinar, e

é por isso que chegamos até aqui, muitíssimo obrigada, minha eterna professora Carla.

Às minhas professoras, a Dr^a. Ananda Machado, Marcella Albaine, Maria Luiza Fernandes e Monalisa Pavonne pelas suas contribuições acadêmicas e pessoais.

Aos meus colegas de curso, com quem convivi e fizeram parte da minha jornada, em especial a Alexsandra Souza, que foi minha parceira de viagem, de hospedagem e me abraçou e segurou na minha mão quando pensei em desistir. Além disso, ao meu querido colega, Anderson Porto, que diversas vezes tirava um tempo mandando mensagens de incentivo e sempre animando os nossos dias.

À minha psiquiatra Dr^a. Christina de Medeiros, na qual, em suas consultas, sempre apoiava a minha jornada ao título de mestre e, mesmo que eu tenha adoecido, ela esteve ali me orientando junto ao psicólogo Jaime Machado, que me fez perceber o quanto era capaz de ir além.

Às minhas gestoras escolares Cacilda Rocha e Daiana, pois quando precisei viajar em busca de conhecimento, apoiaram e compreenderam as minhas ausências.

Aos meus colegas de profissão que abraçaram a ideia da pesquisa e se dispuseram a participar sem hesitar.

À Professora Jany Fabia que, em sua curiosidade, lia os meus textos antes mesmo da conclusão, pois achava gostosa a leitura. Meu muitíssimo obrigada.

Enfim, não foi nada fácil, mas sem essas pessoas o sonho não teria se concretizado. Rumo ao título de mestre. E para você, uma excelente leitura.

RESUMO

As toadas de boi bumbá, como patrimônio cultural, têm muito a oferecer sobre o conhecimento da História local, principalmente em seus aspectos artísticos, sociais e educacionais, na qual suas letras priorizam temas com a valorização dos costumes dos povos originários, como a cabocla e africana, além de relacionar fortemente a narração de lendas, rituais, sentimentos, meio ambiente e acontecimentos históricos e sociais. Desta forma, buscou-se no campo da História uma fundamentação para refletir sobre o ensino aprendizagem em história nas séries iniciais, ressignificando uma proposta didática quanto ao uso de uma linguagem musical e significativa para os alunos. Este trabalho teve como objetivo analisar o potencial didático da música regional, com enfoque voltado para as toadas de boi bumbá, do Festival Folclórico de Parintins, para a aprendizagem histórico-regional nas séries iniciais do ensino fundamental. Como percurso metodológico, foi realizada uma entrevista com os docentes das séries iniciais de uma escola pública e com os alunos do 5º ano das séries iniciais, um levantamento diagnóstico, através de questionário, e a prática pedagógica envolvendo o uso das toadas. A proposta deste trabalho é apresentar, como produto, sequências didáticas que utilizam músicas deste gênero, como um projeto a ser inserido no currículo escolar onde a pesquisa foi realizada.

Palavras-chave: Ensino de história, toadas, aprendizagem.

RESUMEN

Las toadas de boi bumbá, como patrimonio cultural, tienen mucho que ofrecer en cuanto al conocimiento de la historia local, especialmente en sus aspectos artísticos, sociales y educativos, en los que sus letras priorizan temas que valoran las costumbres de los pueblos originarios como la cabocla y los africanos, además de relacionar fuertemente la narración de leyendas, rituales, sentimientos, el medio ambiente y los acontecimientos históricos y sociales. De esta manera, buscamos en el campo de la historia una base para reflexionar sobre la enseñanza y el aprendizaje de la historia en los primeros grados, resignificando una propuesta didáctica con el uso de un lenguaje musical significativo para los alumnos. El objetivo de este estudio fue, por lo tanto, analizar el potencial didáctico de la música regional, con especial atención a las canciones boi bumbá del Festival de Folclore de Parintins, para el aprendizaje de la historia regional en los primeros grados. Para esta investigación, se realizó una entrevista a profesores de los primeros grados de una escuela pública y a alumnos de 5º curso de los primeros grados, una encuesta de diagnóstico mediante un cuestionario y una práctica pedagógica con el uso de toadas y como propuesta para este trabajo presentar como producto secuencias didácticas utilizando canciones de este género, como proyecto que se propondrá para su inserción en el currículo de la escuela donde se realizó la investigación.

Palabras clave: Enseñanza de la historia, toadas, aprendizaje.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Mapa ilustrativo de Parintins com pontos turísticos da Ilha Tupinambarana.....	37
FIGURA 2. Distância entre a capital de Manaus/AM e a cidade de Parintins.....	37
FIGURA 3. Vista aérea do Bumbódromo, local do festejo.....	38
FIGURA 4. Localização da Escola Estadual Rilton Leal Filho. Manaus-AM.....	43
FIGURA 5. Desenho da festa do boi bumbá de Parintins	70
FIGURA 6. Desenho do símbolo do boi Garantido.....	70
FIGURA 7. Desenho representando a união dos bois numa só festa.	70
FIGURA 8. Representação do boi	70
FIGURA 9. Representação dos bois numa paisagem rural.....	72
FIGURA 10. Visão do aluno(a) sobre os elementos presentes no festival.	73
FIGURA 11. Produção textual sobre a história do bumba meu boi.	74
FIGURA 12. Expressão do aluno(a) sobre a participação da mulher no festival folclórico de Parintins.	75
FIGURA 13. Produção do aluno(a) sobre o bumba meu boi e o boi-bumbá de Parintins	76
FIGURA 14. Expressão do aluno(a) sobre como é tratado os bois em diversas culturas.....	76
FIGURA 15. A participação feminina na toada	76

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1. Tempo de serviço dos professores na SEDUC/AM	46
GRÁFICO 2. Formação dos Professores	47
GRÁFICO 3. Instituição de formação	47
GRÁFICO 4. Ensino de História nas séries iniciais.	48
GRÁFICO 5. Grade curricular e a formação no Ensino de História.....	49
GRÁFICO 6. Gosto Musical	50
GRÁFICO 7. Seu gosto musical interfere ao planejar as aulas que envolvam músicas?	50
GRÁFICO 8. A utilização da música como recurso didático	50
GRÁFICO 9. Momento do planejamento e as músicas	52
GRÁFICO 10. Apreciação das músicas apresentadas no Festival Folclórico de Parintins	57

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. Tempo de serviço dos professores na SEDUC/AM.....	45
QUADRO 2. A importância do Ensino de história nas séries iniciais	49
QUADRO 3. Escolha das músicas e sua aplicação	52
QUADRO 4. Contribuição da música no processo de ensino aprendizagem.....	53
QUADRO 5. Conteúdos que podem ser trabalhados através da música	54
QUADRO 5. Por que as toadas não são aplicadas como um recurso didático pedagógico.....	55

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. O ENSINO DE HISTÓRIA E O APRENDIZADO DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL DOS ANOS INICIAIS	19
2.1 A música popular brasileira	23
2.2 A música no Ensino de História.....	29
3. UMA MÚSICA REGIONAL: AS TOADAS DO BOI BUMBÁ DE PARINTINS ...	35
3.1 O contexto da pesquisa.....	42
3.2 Sobre os professores(as) que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental na escola pesquisada.....	45
4. UMA PROPOSIÇÃO PARA O USO DA TOADA COMO RECURSO DIDÁTICO: UMA BREVE ANÁLISE DA TOADA GUARDIÃS, DO BOI-BUMBÁ CAPRICHOSO (AUTORES: RODRIGO BITAR E RONALDO YOSHI, 2020).....	59
4.1 Proposta de Sequência Didática e seu desenvolvimento.....	63
4.2 Resultados esperados e alcançados.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICE.....	83
APÊNDICE1.....	86
APÊNDICE 2.....	88

1 INTRODUÇÃO

O interesse pela temática advém de diversos momentos durante a minha vida docente e de maneira inegável anuncia também o lugar de onde venho, como também a minha cultura cabocla, pois como afirma Amilcar Pereira:

[...] não creio que seja possível um completo distanciamento entre sujeito e objeto em caso algum; assim como não acredito que haja um total distanciamento entre as análises teóricas e as posições políticas de nenhum autor, sejam elas conscientes ou inconscientes. As análises teóricas necessariamente partem de posicionamento do autor, na medida em que esse autor fala de algum lugar – social, cultural, territorial, temporal etc. (Pereira, 2013, p.11).

Ser professora de 1º ao 5º do ensino fundamental significa precisar entender um universo inexplicável, pois trabalhar com crianças na faixa etária de 6 a 10 anos, exige ampla compreensão do processo de ensino-aprendizagem, bem como do envolvimento lúdico, visual, manual e auditivo, os quais despertam a curiosidade das crianças.

Atuar como docente de história nas séries iniciais é de grande desafio, pois o que se tem em mente é apenas o processo de alfabetização, tendo em vista que nesse ensino percebe-se um apagamento sutil do ensino de história nessa primeira etapa.

Ao ingressar no Mestrado do Profhistória, ressaltou a importância do ensino de História para essas crianças, pois é nessa etapa que os alunos começam a entender-se como sujeitos de sua própria história. Contudo, torna-se difícil, pois muitos desses alunos não conseguem ler nem escrever e, muitas vezes, não sabem seu nome completo ou sequer onde estão localizados. O desafio de ser professora de História nessa etapa é gigantesco, uma vez que ouvir dos colegas que o ensino de História é apenas um coadjuvante é bastante complicado.

Certa vez, uma aluna do 5º ano me perguntou o porquê estudar História? Qual é o objetivo dessa disciplina? Sem formação específica na área, apenas expliquei que serve para estudar o passado e entender o presente, mas ao mesmo tempo fui da pergunta com uma certa insegurança, dizendo que poderíamos falar sobre isso uma outra aula. Como professora recém-posicionada no ensino de história, uma disciplina isolada e não integrada ao ensino de geografia, refleti bastante, e a pergunta me deixou intrigada.

Qual era realmente o objetivo do ensino de história para essas crianças? Muito delas acreditam que as disciplinas de matemática e português são as mais importantes a serem aprendidas, já se foi o tempo em que os alunos tinham de aceitar calados e decorar qualquer coisa que os professores quisessem. Hoje, os mesmos questionam tudo, perguntam e dão sua opinião, mas isso depende da idade e série, pois de 1º ao 3º ano, são crianças com uma certa curiosidade, mas não são questionadores; já os que estão no 4º e 5º ano, são alunos que ficam calados ao ouvir as aulas; porém, ao final, querem saber porque e o porquê de determinados momentos históricos e vão muito além da imaginação.

E isso é uma das habilidades que eu procuro estimular nos alunos: a capacidade de compreender em primeiro lugar a si mesmo, opinar e questionar. Mas, como alcançar esse(s) objetivo(s)? E como alcançar a aprendizagem para todos, tendo turmas com uma multiplicidade de interesses, personalidades e capacidades cognitivas?

As palavras que podem estar alinhadas à aprendizagem são a motivação e a curiosidade. Mas como motivar um público infantil que está aprendendo a se reconhecer como agente de sua própria história? Ainda que grande parte dessa motivação venha por parte do professor, há um tema que parece uma unanimidade no interesse dos alunos: a música, que promove na criança o mover e o balançar da cabeça, além do despertar de um sorriso.

Com avanço tecnológico, a música proporcionou uma nova vivência como nunca visto. Com o celular em mãos e uma rede de internet é possível ouvir músicas em qualquer lugar, seja em casa, seja na escola, ou ainda, na igreja, como também no supermercado. Isto é, caminhando, ou até mesmo em vizinhos que colocam aquelas músicas bem alta para todos ouvirem; não precisa ir longe, basta ver que em qualquer lugar sabemos que música ou os sons nos acompanha desde do ventre das nossas mães e como isso nos possibilita ouvir de mais variados estilos, cantores, ao simples estalo de um dedo, ou ligar uma frequência de uma rádio. Em suma, lá vai ela, transformando em variados sentimentos.

Agora, já não se toca o disco de vinil, virar a fita ou tirar o cd para ouvir as músicas, o processo histórico já é outro. Com novas plataformas digitais é possível acompanhar, em tempo real, o lançamento de uma música, um videoclipe, as coreografias, os acordes da sua banda ou seu cantor favorito, lançamento que, inclusive, chega a muitas visualizações em menos de 24 horas.

Nesse contexto, a partir das redes sociais, é possível acompanhar, curtir, comentar e até interagir na vida de seus cantores, e discutir suas letras, músicas e visualizar dancinhas em plataformas digitais.

Com toda essa tecnologia, a música passa talvez a exercer um poder ou um papel de sedução e manipulação de forma maximizada. Portanto, vamos ao encontro da nova geração, aquela conectada por muito mais tempo na internet, sendo comum entre eles: por que não utilizar essa ferramenta a favor da educação no processo de ensino-aprendizagem? Mas como fazer isso?

Portanto, diante desses questionamentos, a música traz consigo uma certa interpretação de quem a produziu, que, por sua vez, é fruto da sociedade em que se vive. Ou seja, a música traz em seus acordes uma narrativa, uma interpretação e um contexto histórico, uma vez que carrega a história de sua produção, dos compositores, dos cantores e da sociedade em que foi produzida a composição.

Para muitos amazonenses, as toadas de Boi Bumbá de Parintins são um bem cultural que pode ser considerado detentor de saberes e valores que devem ser preservados, pois é nesse processo de manutenção cultural que podemos entender a formação da identidade cultural; assim, é um dos objetivos contribuir para a formação dos sujeitos que manterão a tradição da cultura musical como patrimônio imaterial.

Ensinar história nas séries iniciais não é uma tarefa fácil, exige um “jogo de cintura”, pois trabalha-se com crianças que, muitas vezes, não sabem nem mesmo seu nome completo. Neste sentido, Neves (1985, p. 35) defende que “a criança vive no presente. Não conhece outro lugar que não seja aqui, nem outro tempo que não seja agora [...]. Portanto, o ensino de história deve elevar aquilo que é considerado mais significativo para as crianças, utilizando-se de diferentes recursos e metodologias, de forma que se possa alcançar os objetivos.

No Ensino de História, o professor corrobora para formar sujeitos ativos, ou seja, alunos que entendem o presente, moldando o futuro, sem perder o seu passado. É assim que queremos, na pesquisa com as toadas, investigar seu potencial, elencar com o processo de ensino-aprendizagem presente e trazer o ensino de história. E, para que isso venha a ocorrer, precisamos resolver alguns problemas que há nesse processo de ensino-aprendizagem, pois, em muitos casos, o ensino de história nas séries iniciais é mero cumpridor de currículo e, em muitos casos, é uma disciplina marginalizada pelos outros componentes curriculares, por ser visto apenas como complementar ao ensino dos alunos.

Hoje, a disciplina de História nas séries iniciais é centrada junto com os processos de leitura e escrita, sendo que o texto permanece como o principal material didático utilizado em sala, quando não, o único.

Diante desse fato, percebe-se que o uso exclusivo do livro didático de História é motivo de críticas, mesmo sabendo que o livro didático exerce, nos anos iniciais, uma função intrínseca: a materialização do saber histórico acadêmico (Dorotéio, 2016).

Ensinar história considerando a música, é bastante desafiador, pois levar o professor a refletir e mudar o seu método de prática é o mesmo que dizer que sua prática não serve para nada, e é por isso que nos deparamos com vários problemas na utilização da música como um recurso didático, principalmente como utilizá-la (toada) no seu aspecto mais histórico, pois muito professores fazem uma simples interpretação.

Não esquecendo que ainda nos deparamos em sala de aula com um conceito de que o ensino da história nacional é mais importante que a história local; diante desse contexto, como potencializar as toadas, transformando-as como recurso didático pedagógico, sendo ele neste tempo presente um produto midiático? Precisamos mostrar o quanto esse produto pode contribuir para além da aplicação de meros conteúdos e cumprimento de currículo nas séries iniciais.

Dentro dessa questão, procura-se entender como podemos contribuir e dar destaque ao gênero musical “toada” no ensino de história, principalmente na alfabetização histórica das crianças do EF? Mesmo sabendo da resistência de alguns alunos, por ter uma visão distorcida do gênero, é fundamental descobrir o porquê dos professores a não utilização das toadas de boi bumbá de Parintins como um recurso didático-pedagógico no Ensino de História, mesmo em momentos de mostras culturais? Portanto, nossa intenção é mostrar o quanto esse produto cultural e midiático pode contribuir, para além da aplicação de meros conteúdos e cumprimento de currículo, nas séries iniciais.

Assim, nosso objetivo central é analisar como a música, especificamente as toadas do Festival Folclórico de Parintins/AM, pode contribuir de forma significativa para o processo de alfabetização histórica, nas séries iniciais, enfatizando seu potencial como recurso didático pedagógico.

Para tanto, realizamos uma investigação por meio de uma avaliação da utilização das toadas pelos professores, bem como do potencial historiográfico das

toadas de Boi-Bumbá de Parintins. Analisamos o uso do gênero toada como recurso didático no Ensino Fundamental I, visando contribuir com uma proposta prática para a inserção do ensino de história local nesse nível de ensino.

Esta pesquisa visa, portanto, contribuir para a discussão acadêmica e escolar acerca da importância de inserir a música regional em um processo ainda tradicional de ensino. Incorporar a música como recurso didático é proporcionar ao estudante uma maneira prazerosa de aprender por meio dos sons, ritmos e versos.

Ressalto que meu interesse pela música surgiu ainda na infância, com cantigas de roda na escola. As músicas folclóricas faziam parte do meu universo infantil e ainda fazem parte do meu universo educacional, pois, via nelas uma forma de aprender com mais facilidade. Desde então, cresci percebendo o quanto a música auxilia na aprendizagem, ativa nossa memória e nossa história.

Dentre tantos gêneros da música popular brasileira, existem aqueles que estão culturalmente enraizados na história local. Pensar nas toadas de Boi-Bumbá do Festival Folclórico de Parintins é refletir sobre as histórias que os Bois Bumbás Caprichoso e Garantido exaltam nos festivais.

Recordo uma fala do artista popular Erasmo Carlos, que dizia que a inspiração de suas músicas vinha de momentos vividos, do cotidiano e de histórias que ele havia ouvido. Assim, fiz-me a pergunta: qual o potencial dessas músicas, principalmente das toadas, nas aulas de história? Podem elas ser um recurso didático para a educação histórica nas séries iniciais?

No cotidiano das salas de aula, observa-se o uso contínuo de cantigas de roda e outras músicas em momentos cívicos, mostras culturais e nos diversos tipos de ensino, sempre entrelaçadas com as danças. As crianças dançam, cantam e ouvem, mas isso acaba não dando significado a esse processo de ensino-aprendizagem. Além disso, na região na qual estou inserida, pouco se ouve sobre as músicas que são partes fundamentais do Festival Folclórico de Parintins no contexto das salas de aula, o que evidencia uma desvalorização, principalmente da história e da cultura locais.

Incorporar as toadas do Boi-Bumbá é resgatar a memória de uma história regional do povo amazonense, com o objetivo de que esta pesquisa ressalte e contribua com aspectos significativos no processo de ensino-aprendizagem em história. Isso porque não se trata apenas de analisar as letras e de ouvir e dançar as

toadas de forma lúdica, mas de como tornar o processo de ensino mais significativo para alunos e professores.

A partir disso, a finalidade desta pesquisa foi construir uma narrativa acessível para a compreensão e o significado no uso das toadas de Boi-Bumbá de Parintins, destacando a importância dos conteúdos presentes nas letras das toadas e ressaltando seu potencial como uma das formas de conduzir, por meio dos sons, um novo método para ensinar História.

1 O ENSINO DE HISTÓRIA E O APRENDIZADO DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL DOS ANOS INICIAIS

A história do Ensino de História tem tido um longo caminho espinhoso e árduo, em que muitos autores e historiadores acabam discutindo entre si sobre as faces dessa grande ciência que é a história, ou seja, muitos buscam romper uma linha existente de que a história tem uma relação ativa apenas com o passado; entretanto, houve uma necessidade de busca, mudança e ao mesmo tempo uma fome insaciável pela história de sujeitos e povos silenciados pelo poder, pois a história por si só pesa e começa a se romper com o passar das gerações.

Hoje, a história, em outros contextos, faz-se presente em cada sujeito e é decididamente muito importante para estar apenas nas mãos de grandes historiadores, e é por isso que a História se torna uma ciência capaz de estar presente nas transformações pelas quais as sociedades passaram ou passam através do tempo e do espaço, processo por meio do qual os homens se organizam. Essa ação é a essência da história, é um movimento dinâmico, diverso e plural, e essa diligência não deve seguir uma linha cronológica, ficando estática no tempo. E é por isso que ela é parte de todos nós.

Na História, os historiadores e os professores são necessários para a humanidade. Não podemos mais ter a incumbência de ficar apenas em tempos pretéritos, de apagar ou diminuir as memórias, amordaçar o passado, de vangloriar batalhas e heroicizar grandes personagens.

Já não produzimos uma história para “afirmar a superioridade de nossa civilização, frente civilizações anteriores e às sociedades contemporâneas não-ocidentais” (Albuquerque Jr, 2019, p. 72). Produzimos uma história para vida, pois “trabalhamos com a vida, e a História é a ciência da vida, por mais que visitemos recorrentemente os mortos” (Coelho; Leite, 2021, p. 51).

Na história, é necessário conhecer, compreender e identificar as ações dos sujeitos, assimilar como produzem seus conhecimentos, seus valores, seus bens materiais e imateriais, partindo não apenas da sua nacionalidade, mas também do local em que vivem. E por meios de tantas e outras razões a escola é uma das instituições que vem contribuir nessa missão de formar esses sujeitos em cidadãos, a partir de suas ações e conhecimento, tendo em vista que a cidadania começa no reconhecimento da sua própria identidade. Conforme os apontamentos de Coelho e

Leite (2021, p. 57), a História “é um saber inseparável das discussões éticas e políticas. A escrita e o ensino de história não são neutros, pois partem de um lugar social, político, econômico e cultural.” É assim que o ensino de história deve começar nas escolas.

Neste caso, o professor de história tem um papel importante como mediador do conhecimento, um compromisso ético e responsabilidade com os alunos e com a sociedade com quem dialoga e faz parte. É a partir dessa responsabilidade com as crianças que o professor precisa ter habilidade de fazer os alunos a se reconhecerem como sujeitos ativos de transformação no meio em que vivem. O docente deve, por sua vez, relacionar sempre os fatos do passado com os do presente, sendo importante não perder essa totalidade histórica, ou seja, estudar o cotidiano pelo cotidiano.

Sugerimos que se trabalhe dialeticamente relações com o novo e o velho, o tradicional e o moderno, o local e o universal para vivenciaros situações que nos possibilitem o contato com relações temporais ou espaciais; que deem conta do passado e presente, do ontem e hoje, do próximo ou do distante, do que é essencial e do que é acessório. O importante é que os temas sejam significativos e que confirmem sentido à aprendizagem das crianças (Ribeiro; Marques, 2001, p. 92- 93).

Nesta perspectiva, torna-se importante o estudo da história nas séries iniciais, entendendo que valorizar essa memória coletiva e individual, favorece o surgimento de um pensamento crítico, ou seja, partindo da sua regionalidade. Mas, não se pretende aqui colocar a história local ou regional, como uma proposição para desfazer a construção das identidades nacionais, e sim evitar o erro grosseiro de se considerar o nacional como todo homogêneo.

A nossa sociedade brasileira se descobriu como plural, ou seja, o Brasil não possui uma única identidade, e sim vários rostos e muita diversidade; por isso, ao longo das conquistas de vários grupos sociais, tem se repensado na educação para as relações étnicos raciais como uma forma de reparação junto à história desses povos.

Nos últimos anos, diferentes atores sociais afirmaram suas identidades e conquistaram espaços sociopolíticos no Brasil. Isto é, passaram a ser reconhecidos e respeitados, exigindo assim diferentes discussões em vários âmbitos da sociedade, gerando formulações e novas políticas públicas.

Visando a atender os propósitos e assegurar os direitos à igualdade das histórias e culturas que compõem a nação brasileira e a demanda da comunidade

afro-brasileira por valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação, passou a ser promulgada a Lei 10639/2003, que alterou a Lei 9394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana em todas as instituições de ensino no Brasil.

Essa inserção da Lei nº 10.639/03, que trata da história e da cultura afro-brasileira, foi um marco inicial de uma resposta reparadora que, por cinco séculos, esteve repleta de aversão, segregação racial e ignorância histórica.

A luta dos povos indígenas pelo reconhecimento de sua história e cultura no Brasil não ficou para trás. Houve, então, a inclusão da temática indígena na Lei nº 10.639/03, posteriormente substituída pela Lei nº 11.645/08, sancionada em 10 de março de 2008 pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A Lei nº 11.645 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN) e passou a priorizar o estudo da história e cultura indígenas em todas as escolas de ensino fundamental e médio. Essa lei é uma modificação da Lei nº 10.639/2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares.

A Lei nº 11.645/08 determinou a inclusão da história e das culturas afro-brasileiras e indígenas nos currículos escolares, possibilitando o respeito aos povos indígenas e afro-brasileiros. Porém, ao adentrar no sistema escolar, encontramos muitas diferenças entre o que a regulamentação determina e o que é proposto para as instituições escolares, começando pela forma como a disciplina de História é ensinada e abordada no ensino escolar.

A cultura indígena sempre foi tratada nas escolas de forma lacônica e estereotipada, especialmente no dia 19 de abril, que é o Dia Nacional dos Povos Indígenas, sendo muito evidente ainda na educação infantil, onde se observa crianças com rostos pintados e cocares sem nenhum significado para elas. Assim também ocorre com a cultura africana e afro-brasileira, sendo expressa no dia 20 de novembro (Dia da Consciência Negra), data que faz alusão ao aniversário da morte de Zumbi dos Palmares.

Mas, será que as práticas pedagógicas do ensino de História estão fora de contexto devido à formação dos professores de História? São aulas determinadas pelo viés ideológico capitalista e político, nas quais os alunos estão sujeitos a aprender apenas o que está no livro didático, ou as matrizes curriculares conservam, até então, um discurso eurocêntrico e ocidental de tal maneira que não se consegue mais enxergar a contribuição da cultura africana, afrodescendentes e indígenas no Brasil?

Mas, afinal, o que precisa ser mudado? Ainda não se têm respostas para tais questões, pois, em cada momento, em cada instituição, em cada cenário político e histórico, são construídas respostas para essas mudanças. Nesses termos, é oportuno indagar: até quando os espaços escolares produzirão desinteresse em estudar e ensinar a história da África e das culturas afrodescendentes e indígenas no Brasil?

Sabemos que as aulas de História ainda sofrem resistências; estamos vivendo num mundo contemporâneo marcado por negacionismos e *fake news* de processos históricos marcados pelas violências de grupos politicamente hegemonicos e violências sobre os povos indígenas e afrodescendentes. Para isso, devemos repensar a história do Brasil, nossa sociedade e as práticas pedagógicas.

Antes de tudo, quero colocar uma citação que reflete o trabalho do professor de história que se encontra no Mestrado do ProfHistória, pois o seu ofício atualmente é ser:

[...] um professor interdisciplinar, que traz em si um gosto especial por conhecer e pesquisar, possui um grau de comprometimento diferenciado para com seus alunos, ousa novas técnicas e procedimentos de ensino, porém antes, analisa-os e dosa-os convenientemente. Esse professor é alguém que está sempre envolvido com seu trabalho, em cada um de seus atos. Competência, envolvimento, compromisso marcam o itinerário desse profissional que luta por uma educação melhor. Entretanto, defronta-se com sérios obstáculos de ordem institucional no seu cotidiano [...]. Em todos os professores portadores de uma atitude interdisciplinar encontramos a marca da resistência que os impele a lutar contra a acomodação, embora em vários momentos pensem em desistir da luta (Fazenda, 1999, p. 31).

Inicialmente, os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental não entendem muito bem o sentido da disciplina de história em seu contexto; porém, há um conteúdo que está inserido na educação básica dessas crianças e deve ser ministrado ao aluno para que possa construir a noção, do “eu,” “do outro”, “do nós”, e noção de temporalidade.

Falar ou perguntar sobre história para alunos das séries iniciais, dependendo da série, significa visualizar que alguns acreditam que o professor de história é um mero contador de história, mas quando adentramos numa turma de 5º ano, eles respondem que história está relacionado ao passado de alguém, ou algum acontecimento importante.

Sempre que me recordo, afirmo em sala de aula que a história tem início ainda no ventre de nossa mãe, pois a história já está sendo contada. Além disso, essa história pode estar sendo construída a partir das ações dos sujeitos que nos cercam.

Sempre que possível, demonstro aos alunos que, ao nascermos, já somos considerados sujeitos históricos, capazes de modificar os acontecimentos do dia a dia. Ou seja, somos agentes ativos diante de nossas vivências.

A partir dessa capacidade de reconhecimento, entendo que estamos utilizando como ferramenta no ensino de história, ocasionando na consciência histórica. Quando os alunos compreendem quem são e quem são os outros, pode-se dizer que os acontecimentos ao nosso redor começam a fazer sentido. Não é necessário buscar longe a razão para tais circunstâncias; basta olhar para si mesmo e para o ambiente ao redor, entendendo que fazemos parte de uma história, seja ela consciente ou não.

Para despertar a consciência histórica nos alunos, não é preciso que o estudante conheça essas nomenclaturas acadêmicas. Basta inseri-las de forma sutil durante as aulas e, quando percebem, os educandos começam a entender seu papel histórico. É nesse momento que se comprehende que a consciência histórica, defendida por muitos autores, foi ativada. A partir desse reconhecimento, o aluno pode compreender que sua história faz parte de sua vivência, de seu modo de agir, de sua história familiar e da história local, assim como essa história faz parte de sua vida.

Não queremos aqui fechar discursos, mas abrir desfechos para novos diálogos, pois a essência da história é ampla e complexa. É essa história que queremos dialogar, história produzida como conhecimento,

[...] seria uma ferramenta importante para o desenvolvimento do que Jörn Rüsen (2015) e outros intelectuais preocupados com a função do conhecimento histórico denominariam de "consciência histórica, momento em que indivíduos se perceberiam parte responsável pela sociedade em que existem e sobre ela atuariam na direção de modificá-la (Coelho; Leite, 2021, p. 54).

Nessa direção, vamos ao encontro de outras questões, como os professores veem o ensino de história, a música e as toadas como um recurso didático pedagógico, algo que será abordado no capítulo 3.

2.1 A música popular brasileira

A música popular brasileira como linguagem cultural é consumida e confeccionada por diversos grupos socioculturais em todo Brasil é, portanto, acessível por todos que a cercam, principalmente por alunos inseridos em uma era que o acesso à informação é veloz e cheio de ferramentas digitais. Assim, a música se torna presente na vida do aluno e pode atender a alguns anseios de professores que buscam por recursos pedagógicos que se aproximam do cotidiano dos alunos. Desse modo, a canção “pode ser tomada como um instrumento didático pedagógico privilegiado no Ensino de História” (Hermeto, 2012 p. 12-15).

Enquanto conceito histórico, construído a partir do século XX, por ser agora em sua historiografia, o seu surgimento e sua definição como música. Entende-se a nomenclatura "música popular brasileira" como produto do século XX, relacionado à sua forma fonográfica, ou seja, ao seu registro sonoro em um suporte (disco, filme, suporte digital e outros), que dá continuidade ao seu desenvolvimento tecnológico e industrial no mundo contemporâneo.

Em termos mais específicos, a música é uma “narrativa que se desenvolve num espaço de tempo curto (de 2 a 4 minutos) que constrói e veicula representações sociais, a partir da combinação entre melodia e texto” (Hermeto, 2012, p. 32). A canção popular brasileira é entendida enquanto produção artística da humanidade, sendo documento e fonte para o ensino de História.

A música popular brasileira é, de fato, uma mistura de vários ritmos; mas, antes de debatermos essa obra de arte, infere-se que:

Música é, antes de mais nada, movimento. E sentimento ou consciência de espaço-tempo. Ritmos; sons, silêncios e ruídos; estruturas que engendram formas vivas. Música é igualmente tesão e relaxamento, expectativa preenchida ou não, organização e liberdade de abolir uma ordem escolhida; controle e acaso. Música: alturas, intensidades, timbres e durações – peculiar maneira de sentir e de pensar. A música que mais me interessa, por exemplo, é aquela que me propõe novas maneiras de sentir e de pensar (Moraes, 1985, p. 7).

Se vamos falar sobre música popular brasileira e ensino, é importante trazer para a conversa um pouco do que chamamos de música popular brasileira, sua trajetória dentro da cultura do Brasil. Podemos ver na referência acima que a música traz consigo uma finalidade de expressar sentimentos e valores.

Ao perguntarmos a qualquer brasileiro sobre o que é música? Certamente vamos obter das mais diferentes respostas aprendidas ao longo de suas vidas, mas

certamente vamos ouvir que a música sempre vai estar ligada ao emocional e muita memória. Ao ler sobre a música em diversos tempos e sociedades, é observado que cada sociedade ou cultura tem a sua maneira de expressar esse sentimento de diversa formas.

É também com esse lado empírico que queremos utilizar em prol do ensino de História e processo de ensino aprendizagem. A palavra música, do grego “mouse”, que quer dizer “arte das musas”, é uma referência à mitologia grega. Segundo Roosevelt Rocha (2009, p. 139-140), “Mousikē só passou a ser usado com o significado de ‘arte dos sons’ no século IV a.C. Antes disso não havia nenhum termo específico para designar essa arte”. Nesse sentido, a Arte que queremos enfatizar ao longo dessa leitura.

Se você chegou até aqui, é sinal que está gostando do tema, mas vamos seguir adiante, pois a música popular brasileira faz parte da nossa história, da nossa vivência, das nossas memórias, há quem diga que a MPB é a melhor mistura de todos os tempos. Diante disso, Mario de Andrade vem destacar que:

É comum afirmarem que a Música é tão velha quanto o homem, porém talvez seja mais acertado falar que, como Arte, tenha sido ela, entre as artes, a que mais tarde se caracterizou. O nocionamento do valor decorativo de qualquer criação humana, seja o objeto, o gesto, a frase, o canto, muito provavelmente derivou do tecnicamente mais benfeito (Andrade, 2015, p. 11).

Em outras palavras, dentro das grandes artes, a música foi o que mais tarde se caracterizou em sua perfeição de sons, batidas e melodia e harmonia. Bem antes de pensarmos em música popular brasileira, podemos refletir sobre a música nos povos tradicionais, a música indígena como exemplo, para cada evento, cada ritual, os povos cantam e dançam nas batidas dos pés no chão, ou no cantar dos seus ancestrais.

É a partir desse ponto que abriremos um pequeno espaço para a música popular brasileira, movimento que só ficou mais forte, evidente e popular na década de 1960 no Rio de Janeiro, música que tem suas fontes e forte influência do folclore brasileiro, possui uma lenta formação fascinante de uma fusão de melodias e harmonia com inspiração do folclore, da música europeia e com ritmo africano.

Bem antes de pensarmos em música popular brasileira, podemos refletir sobre a música nos povos tradicionais, tomando a música indígena como exemplo. Para

cada evento e cada ritual, os povos cantam e dançam nas batidas dos pés no chão ou no cantar dos seus ancestrais. É a partir desse ponto que abriremos um pequeno espaço para a música popular brasileira, movimento que só ficou mais forte, evidente e popular na década de 1960, no Rio de Janeiro.

Essa música tem suas fontes e forte influência do folclore brasileiro, possuindo uma lenta e fascinante formação de uma fusão de melodias e harmonias inspiradas no folclore, na música europeia e nos ritmos africanos. Mas, bem antes disso, a música popular brasileira ainda não era bem vista e nem tinha um lugar de destaque nas rodinhas que se faziam para ouvir música, apreciar os espetáculos e cantores da época.

O primeiro a entrar na música popular brasileira foi o cantor de modinhas Domingos Caldas Barbosa, que entrou em cena em 1770, cantando modinhas e lundus para a corte de D. Maria I. Nem tudo era aplauso no convívio do artista com a aristocracia portuguesa; ele foi criticado em todos os aspectos e condenado, dizendo que a influência de Caldas Barbosa era prejudicial à educação dos jovens. Assim acontece com alguns gêneros musicais até hoje. De um ponto de vista, segundo Tinhorão (1998), “o som importado leva os consumidores nacionais ao desprezo pela própria música do país, que passa então a ser julgada ultrapassada e pobre, por refletir naturalmente a realidade do seu desenvolvimento.”

Como tudo na vida tem seu aspecto teórico, a canção popular brasileira possui sua historicidade, e é a partir dessa música que se comprehende sua realidade histórica. A expressão “canção popular” pode ser considerada também como “música popular”; essa última nomenclatura se constituiu a partir do século XX, com a expansão do mercado fonográfico.

Se observarmos os povos primitivos atuais, somos forçados a reconhecer que, na grande maioria deles, a música é a menos organizada entre as artes, e a menos rica de possibilidades estéticas. Não a menos importante nem a menos estimada, mas a menos livre, a menos aproveitada em suas potencialidades técnicas e artísticas. As artes manufaturadas e quase tanto como elas, a dança, atingem frequentemente, entre os primitivos, uma verdadeira virtuosidade. As artes da palavra, na poesia das lendas e mitos, nas manifestações da oratória, se apresentam já bastante aproveitadas e tradicionalizadas como técnica (Andrade, 2015, p. 12).

Com isso, podemos afirmar, com força de certeza, que os elementos da música, como som e ritmo, são tão velhos quanto a humanidade. Para esses povos, a música

são os movimentos do coração, da ancestralidade, os passos e as mãos que organizam os ritmos, e a voz produzindo o som. Antes, era um som que esses povos não conheciam a terminologia musical, na qual foi importada. É interessante quando Mário Andrade esclarece:

É o corpo que se bota a cantar e se expande em voz. Numa voz qualquer, puro movimento vital. Mas como qualquer movimento vital se diferencia entre um inglês e um turco, entre um tuberculoso e um homem são, entre um sacerdote e um pedreiro, entre uma criança e um adulto: são também as diferenciações físico-raciais-sociais-culturais, que diferenciam esses cantos primitivos (Andrade, 2015, p.12).

É assim que diferenciamos a música popular brasileira, aquelas cheias de manifestações sociais e culturais, criadas em território nacional por classes menos favorecidos, com retoque das classes dominadoras e estilo europeias.

Quando o Brasil começou a ser explorado, em 1500, a música como manifestação cultural se tornaria típica nas cidades, sendo dirigida a ser distrações urbanas. Os primeiros registros documentais sobre sons produzidos pelos descobridores portugueses, em terras brasileiras, consta na carta de Pero Vaz Caminha em 1º de maio de 1500.

Segundo Caminha, no quinto dia após a chegada, ou seja, no domingo, 25 de abril, o capitão foi com uma equipe até perto da praia de onde os índios lhe acenavam e, satisfeita a curiosidade- conforme escrevia, (viemo-nos às naus, a comer, tangendo trombetas e gaitas, sem mais os constranger). Mais tarde, ainda nesse domingo, resolveram descer me terra para tomar conhecimento de um rio que ali desaguava, (mas também para folgarmos) e, então, um antigo almoxarife de Santarém, chamado Diogo Dias, por (ser homem gracioso e de prazer), resolveu atravessar o rio para o lado que se encontravam os índios: (Elevou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se a dançar com eles, tomndo-os pelas mãos; e eles folgavam e riam, e andavam com ele muito bem ao som da gaita) (Tinhorão, 1998, p. 37).

Os efeitos da música europeia na atração dos indígenas, normalmente arredios, eram conhecidos por todos naquela expedição de 1500 e nas futuras expedições que viriam aportar no Brasil. Já dessa parte, sabemos que com a chegada dos portugueses, também se chega uma novidade aos índios, a partir desse ponto até a construção oficial da música popular brasileira, os sons passaram por infusões de ritmos pelas camadas populares brancas misturada aos batuques realizados por

negros. Essa hipótese fica reforçada com a expansão do lundu e os fados, ou seja, saíram do terreiro aos grandes salões da nobreza.

Esse chamado lundu, muito mais preso que a fofa aos batuques de negros- de onde se destacará como dança autônoma ao casar a umbigada dos rituais de terreiro africanos com a coreografia tradicional do fandango (tanto na Espanha quanto em Portugal caracterizado pelo castanholar dos dedos dos bailarinos que se desafiavam envoltos no meio da roda)-, apresentava ainda um traço destinado a determinar sua evolução: ou estribilho marcado pela palmas dos circunstantes, que fundiam ritmos e melodias no canto do estilo estrofe- refrão mais típico da África negra (Tinhorão, 1998, p. 103);

Com todo esse vislumbre do lundu nos salões da nobreza, Domingos Caldas Barbosa ficou conhecido em criar suas modinhas a partir de uma fusão de elementos africanos e europeus, ele chega também a se apresentar em vários países da Europa. Agora, podemos dizer que a música popular brasileira emergiu das fontes de ritmos e melodias africanas e europeias, e a partir desse ponto a música popular brasileira passou por diversas transformações ao longo do tempo.

O processo sociocultural no Brasil, no âmbito das camadas urbanas, revela uma busca pela identidade nacional, na qual a música popular dirigida as camadas sociais mais amplas, começavam a formar vários movimentos artísticos relacionados à música.

Na era Vargas, a música popular brasileira ganhou plenitude como produto e propaganda, como afirma Tinhorão:

No plano cultural, o espírito de aproveitamento das potencialidades brasileiras que informava a chamada nova política econômica, lançada pelo governo Vargas, encontrava correspondente nos campos da música erudita com nacionalismo de inspiração folclórica de Villa-Lobos (1998, p. 30);

Ou seja, foi durante o seu governo, no Estado Novo, que Getúlio Vargas criou uma política estratégica de dominação, incluindo diversas áreas, principalmente a música, que sofreu grande censura por parte do recém-criado DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda, usufruindo das táticas nazifascistas. Nesse contexto, a música popular brasileira sofreu nesse período censuras nunca vistas em governos, vemos claramente o uso da música popular como arma política de propaganda.

Ao lado de todo esse movimento histórico em que a música se manifesta no Brasil, seja por fantasias de uma elite dominadora ou por declarações artísticas de

etnias, ainda sobre a música popular dos três séculos coloniais, podemos dizer que um povo misturado, composto por portugueses, africanos, ameríndios e espanhóis, trazia, junto com suas falas, as cantigas e danças que a Colônia escutava. Foi da fusão destas que o nosso canto popular tirou sua base técnica tradicional (Andrade, 2015, p. 156).

A música popular brasileira possui inúmeras influências. Etnias e culturas misturadas deram ao Brasil uma musicalidade inata e rica; porém, nossa ignorância muitas vezes não nos permite utilizá-la como deveríamos. É desse ponto de partida que trazemos a música para transformá-la em algo que torne possível compreender a história por meio dela

2.2 A música no Ensino de História

Atualmente, encaramos um sistema educacional bem diverso e praticamente já não se vê um mundo contemporâneo sem escola; ao pensar nisso, podemos nos envolver nessa história, pois as mudanças operadas no Ensino de História nos últimos tempos ocorreram de forma entrelaçada às transformações políticas, sociais, culturais e educacionais. Mesmo com tantas idas e vindas, Kosouski (2016) aponta a escola como um instrumento de formação do pensamento crítico.

A escola desempenha um papel complexo na formação dos alunos e as aulas de história têm uma tarefa importante nessa formação, sobretudo como formadora de uma consciência crítica acerca do meio em que vivem e interagem, entendendo que essa é a história deles, que faz parte de seu mundo, como protagonistas que se apropriam desse conhecimento e o levam para sua vida como pessoas construtoras de sua história (Kosouski, 2016, p. 11).

No Brasil, lecionar é executar uma tarefa árdua, imagina para quem leciona História. Atualmente, o passado é sinônimo de objeto velho e, como já sabemos, objetos velhos são sempre deixados de lado ou esquecidos. Poucas são as escolas no Brasil que se preocupam com o patrimônio histórico ou com a história local, e o que se vê normalmente de vez em quando são casas, igrejas e construções antigas sendo demolidas, apagando uma história que deveria ser discutida.

Nas práticas docentes escolares, verificamos que alguns alunos não têm a percepção do seu passado, principalmente em seu cotidiano, ou seja, não são levados a interagir com artefatos antigos, e não se tem mais aquela conversa com os membros

mais velhos da família, pois a tecnologia vem estabelecendo essa divisão entre o mais novo e o mais velho. No dia corrente, o passado do cotidiano vivido pelos alunos é a cultura midiática, que acaba encaminhando, em muitos casos, a um passado que é visto por meio de filmes, novelas, documentários, músicas, desenhos e seriados. Porém, muitas dessas produções contêm elementos fictícios e podem distorcer o conhecimento histórico.

À vista disso, os professores de história precisam, de tempos a tempos, analisar suas metodologias e práticas, pois ter conhecimento historiográfico é fundamental para o docente. Hoje, a música tem-se tornado um objeto de pesquisa para muitos historiadores e tem sido utilizada como fonte e material didático com bastante frequência nas salas de aula, principalmente nas disciplinas de história, geografia, artes e língua portuguesa. O uso da música é importante, pois é um meio de comunicação bem próximo da realidade e vivência dos alunos.

Entre os tipos de música, o que mais vem atraindo os professores é a música popular brasileira, isso se dá pelas características de não deixar dúvidas; ou seja, em muitas delas, as letras são claras e objetivas. Segundo Marcos Napolitano (2002, p. 07), a música tem uma maneira de ser “a intérprete de dilemas nacionais e veículo de utopias sociais; canta o futebol, o amor, a dor, um cantinho e o violão”.

Ouvir música é um prazer para muitas pessoas, um momento de lazer e de diversão, e quando esse som adentra para além dos muros da escola, nas salas de aula, transforma-se em uma ação social e cultural para a aprendizagem, pois o que deve ser levado para dentro das salas vai muito além da música a ser ouvida; ela precisa ser compreendida. Mas, para que isso aconteça, o professor precisa estar atento à historicidade desta música, às possibilidades da linguagem musical, com abordagem de momentos históricos e culturais.

Não é incomum encontrar professores que escolhem uma música para ser trabalhada em sala de aula, pois é comum saber que os alunos gostam de música. Para o próprio brasileiro, é comum utilizar frases do cancioneiro popular, pois a canção do brasileiro é cheia de referências culturais, diversão, arte e produto musical.

Produzida pelo homem e por ele (re)apropriada cotidianamente, a música, objeto multifacetado e polissêmico, é elemento importante na constituição da cultura histórica dos sujeitos. Construtora e veiculadora de representações sociais, apresenta um rol enorme de possibilidades de usos e interpretações. Por todas essas razões,

pode ser tomada como um instrumento didático privilegiado no Ensino de História. (Hermeto, 2012, p. 12).

É nesse momento que os docentes têm a oportunidade de potencializar suas didáticas, pois quantos de nós professores já trabalhamos conteúdos específicos a partir de uma modinha ou canção regional?

A música deve ser utilizada como recurso didático e trabalhada em qualquer segmento da educação, pois é um produto confeccionado através da cultura popular e consumido em larga escala por todos os brasileiros e, principalmente, pelos nossos alunos. Trazer a música para a sala de aula já não é uma novidade, mas abordá-la de outra perspectiva, como tema, objeto de pesquisa e fonte para a prática escolar, torna-se adequado para qualquer série, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Entretanto, grande parte das práticas docentes no Ensino de História que se utilizam a música acabam fazendo apenas uma ilustração rápida de um determinado fato histórico. Para Hermeto (2012), a música torna-se “alvos da análise apenas a sua letra ou a posição política de seus autores e intérpretes.”

Segundo Lucini (1999) e Seffner (2000), o ensino de história deve oferecer aos alunos textos diferenciados, produtos da mídia e tecnologias, como filmes, jornais, músicas, poesias, revistas, histórias em quadrinhos, desenhos animados, arquivos públicos e pessoais etc; para tanto, o professor deve estar preparado para conduzir da melhor maneira quando se propõe intermediar.

Não basta levar a música para a sala de aula, devemos entender que “a mudança do conteúdo, seja ele crítico, libertador, inovador, multicultural, inspirado na “Nova História” ou não, por si só não garante que o aluno experimente os problemas propostos, ou seja, que ele se envolva na construção do conhecimento em sala de aula” (Meirnerz, 2001, p. 84).

O uso da música ou da canção popular brasileira em sala de aula atende, em geral, a professores que desejam aproximar o aluno do seu cotidiano. Não é por acaso que filmes, fotografias, música e, dentre outras linguagens, são valorizados na tentativa de ilustrar os acontecimentos históricos.

Na tentativa de ilustrar os acontecimentos históricos através da música, esta não é a única opção; deve-se levar em consideração o ensino de história atualmente, no qual os objetivos são levar o aluno a construir capacidades de leitura histórica do espaço em que vive. Para a música popular brasileira, a compreensão vai para além

da “ilustração do tempo ou dos fatos históricos”; nesse caso, podemos pensar a música popular brasileira como objeto e fonte no ensino de história.

Diante do cenário, é de fundamental importância sair da análise figurativa das canções junto aos alunos e analisar as relações que há entre a música popular brasileira e o ensino de história, uma vez que se torna essencial, pois as músicas têm várias importâncias significativas no cotidiano dos discentes. Além disso, o professor de história pode encontrar na música um recurso didático que pode criar aceitação por parte dos alunos.

As músicas ou canções no ensino de história podem ajudar no processo de ensino e aprendizagem ao permitir aos alunos uma melhor reflexão sobre as diversidades encontradas no processo histórico brasileiro. Esta construção do conhecimento tem como referência a valorização dos seus sujeitos como atores sociais, partindo das suas experiências no conhecimento da sua história local. Ou seja,

[...] é preciso reconhecer o óbvio: o professor não opera no vazio. Os saberes históricos escolares, os valores culturais e políticos são ensinados na escola a sujeitos que trazem consigo um conjunto de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos nos outros espaços educativos. Isso implica a necessidade de nós, professores, incorporarmos no processo de ensino e aprendizagem variadas fontes, linguagens, suportes e estratégias de ensino (Guimarães, 2012, p. 69).

Suportes e estratégias são bem-vindas no ensino de história, porém elas devem ser empregadas de modo que o aluno tenha prazer ou necessidade em aprender. O uso da música no ensino de história quanto documento histórico, segundo Oliveira (2001), mostra a permissão de se trabalhar temas próximos da realidade social e cultural dos alunos, tornando a aula mais interessante, despertando a curiosidade em conhecer e compreender dinâmicas do passado, podendo assim relacionar o presente com o passado, considerando mudanças, diferenças e ao longo do processo histórico, percebendo os diversos modos de viver e pensar.

Sendo assim, a música pode expressar emoções, críticas e questionamentos, levando o estudante a pensar em temas relacionados ao seu cotidiano e sua vivência. A música, então, é uma manifestação milenar que promove várias sensações, pois é através dela que as emoções, sentimentos, movimentos, questionamentos e reflexões são aguçados.

Em outras palavras, trata-se de “uma maneira de sentir e ao mesmo tempo pensar no tempo, tem o poder de nos fazer chorar ou rir, cantar ou dançar, questionar e refletir, até mesmo imaginar” (Oliveira, 2001, p.25). Deste modo, o docente pode elaborar uma didática a partir da realidade que o aluno vive, seja nos âmbitos sociais ou culturais, desde que esteja articulado, assim a música tem interação ao seu contexto histórico, ou seja,

[...] A música, a menos que não passe de rabiscos casuais em sons, tem o seu lugar na história geral das ideias, pois sendo, de algum modo, intelectual e expressiva, é influenciada pelo que se faz no mundo, pelas crenças políticas e religiosas, pelos hábitos e costumes ou pela decadência deles; tem sua influência, talvez velada e sutil, no desenvolvimento das ideias fora da música. A música não pode existir isoladamente do curso normal da história e da evolução da vida social, pois a arte em parte surge [...] da vida que seu criador leva e dos pensamentos que tem. Existe para ser executada e ouvida, e não como sons da cabeça do criador ou como símbolos escritos ou impressos no papel, mas como som concreto produzido por e para quem deseja obter satisfação daquilo que o compositor lhes oferece (Raynor. 1986; 14, 23).

Para David (2007), colocar em destaque a música no ensino de história pode considerar uma construção de conhecimento, isto é, por meio desse recurso didático pedagógico, haja vista que a música é uma expressão de conhecimento sociocultural, por isso é uma experiência vivida no cotidiano do homem.

A música é uma arte documental que pode ser analisado quando se almeja examinar questões do passado como do presente, pois permite que se compreenda o momento atual ou qualquer outro período da história.

A incorporação da linguagem musical ao ensino de História reclama do professor e do aluno uma percepção mais consciente da canção popular. Trata-se de uma fonte de pesquisa, onde a forma e o conteúdo integram-se como força de expressão, como referencial de manifestação e comunicação. Desvelam-se contextos, tempos e espaços, na voz do compositor, microfone do povo, de um determinado povo, em determinada condição. São emoções, aspirações, sonhos, alegrias, frustrações que ganham coro e sentido a partir de expectativas comuns. É o diálogo entre palco e plateia: nas linhas da emoção, como a desilusão amorosa, o desejo, a saudade, a paixão; nos valores políticos, sociais e morais; e nas reivindicações de larga abrangência dos direitos sociais (David, 2007, p.102).

Não se trata apenas de ouvir e interpretar; deve-se considerar a composição e o contexto histórico de sua época, para que o aluno possa formar suas próprias impressões e refletir sobre elas com base histórica.

No que diz respeito à música popular brasileira, sua compreensão vai além de ilustrar o tempo ou fatos históricos; podemos considerá-la como objeto e fonte no ensino de História, bem como em atividades de pesquisa.

Diante dessa circunstância, a análise entre música e ensino de História é de suma importância e fundamental para o processo de ensino-aprendizagem.

3 UMA MÚSICA REGIONAL: AS TOADAS DO BOI BUMBÁ DE PARINTINS

Toada, para Cunha (2010), é cantar em tom alto, vindo do latim *tonare*, que significa “trovejar”. Já para Cascudo (2000), toada é cantiga, e isso pode até remeter às cantigas. Ou seja, uma canção bem breve, que possui estrofe e refrão, seja ela em quadrinhas ou em outro formato, seu conteúdo pode conter vários sentimentos e histórias.

Tais características também estão presentes nas toadas do boi-bumbá de Parintins, as quais expressam a cultura do povo miscigenado de Parintins, dos ribeirinhos, dos caboclos, dos indígenas, dos negros e do povo do Norte do Brasil. Essa foi a forma encontrada pelos compositores locais de entoar a história, a luta e a cultura do povo parintinense.

Para Farias (2005, p. 63), as toadas são “composições feitas para a apresentação no festival”, ou seja, possuem a finalidade de alegrar o povo e narrar as apresentações. Para Rodrigues (2006, p. 131), “as toadas são a linha mestra daquilo que o boi vai levar para a arena”. São elas a evolução do festival na arena.

As toadas dos bois-bumbás Garrafão e Caprichoso possuem temáticas e produções próprias, nas quais retratam a Amazônia, as lendas e o dia a dia do caboclo. Farias (2005, p. 66) salienta que os compositores das toadas possuem a liberdade de criação, retratando as tradições, lendas, a preservação da natureza, a ancestralidade, o cotidiano do caboclo, dos indígenas, dos afrodescendentes e a grande miscigenação da cultura brasileira, tendo como tema principal a morte e ressurreição do boi, razão de ser e origem dos bois festeiros.

A toada é o canto da floresta, dos rios, das tribos dizimadas, dos costumes. A toada é como a Amazônia, quem não a conhece, não a entende, tenta modificá-la ou moldá-la de acordo com os interesses, assim como fizeram os colonizadores, como fazem agora os capitalistas (Pimentel, 2002, p. 47).

Ainda sobre as toadas, Braga (2002) afirma que as composições abordam assuntos que se referem à região amazônica, como os rios, a fauna e a flora, o caboclo, o nordestino e o indígena, o povo que contribuiu para a formação da cidade de Parintins. E com toda essa festança regional na cidade, viu-se uma explosão midiática quando o grupo Carrapicho tocou o “Tic Tic Tac” e se apresentou nas redes de comunicação. Como resultado, o município de Parintins-Amazonas não foi mais a

mesmo, as músicas do festival folclórico começaram a ter mais destaque em várias regiões do Brasil, e isso se intensificou com a canção “Vermelho”, interpretada na voz da cantora Fafá de Belém, lançada em 1996, a até hoje é símbolo em rede nacional, um fenômeno musical.

Logo após a sua ascensão, percebeu-se que os bois-bumbás adquiriram uma identidade mais fortemente indígena e cabocla, fazendo com que empresas junto ao governo do Estado do Amazonas elevassem ainda mais essa cultura popular, lidando com esse fenômeno com milhões de reais. “Nessa aliança com os poderes, alijou muitos padrinhos e até algumas pessoas que deram início à brincadeira. Contudo, essa aliança levou-o à mídia nacional e internacional através de suas toadas Tic-Tac e Vermelho” (Azevedo, 2002, p. 72). E, com a grande repercussão midiática, os bois Caprichoso e Garantido incorporaram características atuais às toadas: “O dois pra lá, dois pra cá cedeu espaço para um ritmo mais acelerado, cheio de coreografias” (Fernandes, 2002, p. 112).

No fator histórico da criação do Festival Folclórico de Parintins, percebeu-se discordâncias a respeito do início de sua história. Há relatos de que foi no ano de 1965 o seu grande início, porém há outras informações que datam o ano de 1966. Contudo, não existem documentos suficientes que falem sobre esse início histórico.

No “O Boi de Lindolfo Monteverde”, Monteverde (2003, p. 61), o senhor Raimundo Muniz e amigos organizaram o festival em 1966, criando a JAC (Juventude Alegre Católica). Esse grupo adquiriu um espaço físico onde todos podem observar e apreciar as apresentações dos bois Caprichoso e Garantido, bem como as festas juninas e suas danças.

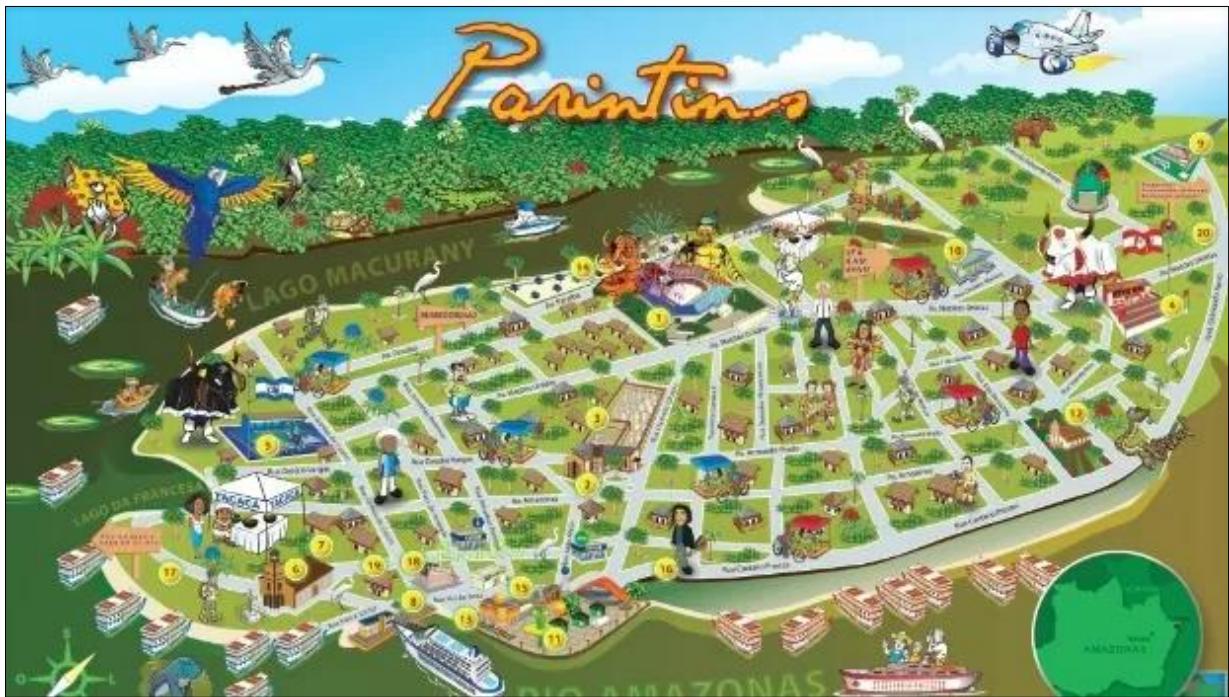
Monteverde é um dos grandes pesquisadores do festival, possuindo uma lista dos locais e datas do Festival e dos campeões do Festival Folclórico de Parintins de 1966 a 1999. Guedes (2002, p. 52) diz:

Foi na Quadra da Catedral da Virgem do Carmo que teve início o Festival Folclórico de Parintins, em 1965, por jovens católicos. Os jovens na época eram Raimundo Muniz e Manuel José Lobato Teixeira, que queriam ‘proporcionar lazer aos jovens através das manifestações folclóricas do município de Parintins: quadrilhas, pássaros, danças diversas e boi-bumbá’.

O Festival Folclórico Parintins, que acontece no final de junho de cada ano, ganhou mais admiradores, tornando-se conhecido como um festival de boi de arena

e de grande celebração da cultura popular amazonense. Nos três dias de festa, a cidade recebe milhares de turistas advindos de Manaus, de várias partes do estado do Amazonas, do país e turistas estrangeiros.

Figura 1. Mapa ilustrativo de Parintins com pontos turísticos da Ilha Tupinambarana



Fonte: g1.globo.com <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2012/06/parintins-ganha-mapa-ilustrado-e-bilingue-para-orientar-turistas-no-am.html>

Parintins é um município do interior do estado do Amazonas, região Norte do Brasil. É o segundo mais populoso do estado, com mais de 116 mil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2021.

O município fica localizado no extremo leste do estado do Amazonas e distante 372 quilômetros da capital Manaus. Parintins é conhecida mundialmente por sediar o Festival Folclórico de Parintins, considerado Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Figura 2. Distância entre a capital de Manaus/Am e a cidade de Parintins



Fonte: blogparintins.com, 2023

O local onde a grande festa acontece chama-se “bumbódromo”, junção das palavras bumba com o sufixo grego dromo, que significa “lugar de correr”, “de recinto dedicado a corridas”, como em autódromo e sambódromo¹. Fica localizado bem no coração da cidade, como podemos ver na imagem a seguir.

Figura 3. Vista aérea do Bumbódromo, local do festejo

¹

Ver:

[https://dicionario.priberam.org/-dromo#:~:text=elemento%20de%20composi%C3%A7%C3%A3o,.%3A%20can%C3%B3dromo%3B%20taur%C3%B3dromo\).](https://dicionario.priberam.org/-dromo#:~:text=elemento%20de%20composi%C3%A7%C3%A3o,.%3A%20can%C3%B3dromo%3B%20taur%C3%B3dromo).)



Fonte: Portal Mercados e Eventos <https://www.mercadoeeventos.com.br/feiras-e-eventos/governo-do-amazonas-ja-pensa-em-ampliar-o-bumbodromo-de-parintins/>

A toada representa o agitar da festa folclórica de Parintins. Sem toada, não há espetáculo no bumbódromo, como é chamado. Ela exalta os itens principais do boi-bumbá. E, principalmente, sem esse som não existe essa grande manifestação cultural e folclórica do povo amazonense. Fica evidente que a toada é propulsora dos amantes dos bois-bumbás, tornando essencial para o Festival Folclórico durante os três dias de festa. Assim:

Para o ouvinte da toada, a música reflete o cotidiano do caboclo, do indígena, dos quilombolas, mitos e lendas, das tradições passadas de geração em geração, do dia a dia daqueles que moram na cidade, assim como a representação da mulher e daqueles que lutam contra a destruição da mata e das florestas, a representação de religiosidade daquele local que também faz parte da história contada através das toadas, trazem muitas palavras e expressões indígenas principalmente as que reforçam “a destruição da floresta e as culturas de seus povos” (Nogueira, 2014, p. 139).

As toadas de boi bumbá, de acordo com Braga (2002), são de suma importância para a festa folclórica de Parintins, pois dão sentido ao canto e à dança, sem os quais não teria sentido o espetáculo dos bumbás. Neste sentido, as toadas são o pano de fundo da encenação do boi bumbá. São elas que dão sentido ao boi de arena.

Colocadas como o principal elemento da festa, a própria evolução das toadas ajuda a compreender o percurso entre as origens e os dias atuais. “Luís da Câmara

Cascudo define esse gênero como uma cantiga ou canção breve, em geral de estrofe e refrão, em quadras, cujos temas principais são líricos ou brejeiros" (*apud* Rodrigues, 2006, p. 197).

A partir da década de 1990, as toadas de Parintins começaram a se expandir e a ter novas atualizações rapidamente. De um gênero folclórico, passaram a ser um tipo de canção popular com apelo fonográfico crescente (Valentin, 2005; Rodrigues, 2006).

Em outras palavras, passaram a ser ouvidas em todos os espaços, e isso tornou-se comum: hoje é quase impossível encontrar no Norte do Brasil alguém que não tenha ouvido sequer um trechinho de uma toada, pelo menos uma vez. Na ilha Tupinambarana, as músicas dos bois passaram a compor o cotidiano da vida da maioria da população (Moraes, 2000, p. 216) que, de alguma forma, aprende a cantar desde a infância.

O Festival de Parintins é conhecido por suas apresentações expressivas, juntamente com as toadas. A história das toadas em Parintins está intimamente ligada à festa e ao patrimônio cultural da região amazônica. As toadas geralmente são cantadas de forma expressiva, contando histórias que refletem a cultura dos povos originários, a história e as tradições do povo amazônico. Caracterizam-se por suas letras poéticas, muitas vezes, destacando o folclore, lendas e mitos da região.

O próprio Festival de Parintins tem raízes nas tradições locais, misturando influências indígenas, africanas e europeias. Originou-se da tradição do Boi-Bumbá, celebração folclórica que envolve dança, música e apresentações teatrais centradas na lenda do boi ressuscitado. Com o tempo, essa tradição evoluiu para o grande espetáculo que hoje é o Festival de Parintins.

Tendo origem na composição sociocultural da ilha, o festival conta com dois grupos concorrentes principais, Boi Garantido e Boi Caprichoso, cada um com cores, temas e apresentações artísticas distintas, ou seja, um é vermelho e o outro é caprichoso. As toadas servem como elemento narrativo, acompanhando as elaboradas coreografias de cada grupo. Compositores e músicos trabalham na criação de toadas que se ajustem ao tema escolhido do respectivo boi e contribuem para a narrativa geral do festival.

As toadas costumam abordar temas como a flora e a fauna amazônica, as culturas indígenas, acontecimentos históricos e o cotidiano dos povos da região. Neste sentido, elas se tornam cada vez mais parte essencial da preservação e

promoção do rico patrimônio cultural da Amazônia por meio da música, assim como de outros aspectos ambientais e sociais.

A história das toadas no contexto do Festival de Parintins está profundamente interligada ao patrimônio cultural da região amazônica, particularmente do estado do Amazonas. As toadas são a espinha dorsal musical do festival, proporcionando um enquadramento rítmico e narrativo para as elaboradas apresentações das equipes do Boi Garantido e Boi Caprichoso, realizadas pelos personagens. Para esse enquadramento, os levantadores de toadas são fundamentais.

As toadas têm raízes nas tradições da música folclórica amazônica, misturando influências indígenas, africanas e europeias. Essas canções foram historicamente cantadas por tripulações de barcos fluviais, seringueiros, ribeirinhos e comunidades indígenas ao longo da Bacia do Rio Amazonas. A música reflete a herança cultural diversificada da região e serve como meio de contar histórias e como expressão cultural e social.

Assim como o Festival de Parintins, que tem origem nas brincadeiras de boi-bumbá, as toadas remontam ao final do século XIX, quando os moradores locais começaram a organizar celebrações folclóricas para homenagear o folclore tradicional que cerca a lenda do boi. Com o tempo, essas comemorações evoluíram para o elaborado festival que conhecemos hoje, com apresentações competitivas do Boi Garantido e do Boi Caprichoso.

As toadas têm papel central nas apresentações do Boi Garantido e do Boi Caprichoso. Cada equipe seleciona um repertório de toadas que servem de trilha sonora para suas respectivas apresentações. Essas músicas geralmente narram o enredo, retratam os personagens e transmitem a essência emocional da performance. As toadas são normalmente executadas ao vivo, “puxadas” por um cantor e por um coro e acompanhadas por instrumentos musicais tradicionais da Amazônia, como tambores, flautas e maracás.

Ao longo dos anos, as toadas evoluíram junto com o Festival de Parintins, incorporando novos estilos e instrumentos musicais, temas e inovações, mas preservando suas raízes tradicionais. Muitas toadas contemporâneas abordam questões sociais e ambientais atuais que a região amazônica enfrenta, refletindo a relevância cultural e o dinamismo contínuos do festival.

As toadas não são apenas entretenimento, mas também servem como meio de preservação e promoção do patrimônio cultural amazônico. Elas celebram o folclore,

as lendas e as tradições da região, promovendo um sentimento de orgulho e identidade entre o povo de Parintins e outros lugares.

No geral, a história das toadas no contexto do Festival de Parintins é um testemunho da rica tapeçaria cultural da região amazônica e do legado duradouro de suas tradições culturais e folclóricas. Essas canções continuam a cativar o público e desempenham um papel vital para manter vivo o espírito do festival.

3.1 O contexto da pesquisa

Este trabalho foi realizado como requisito do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), da Universidade Federal de Roraima. Ao realizá-lo, buscamos aprender muito além das músicas e do aprendizado de história, uma forma de oportunizar aos docentes uma nova experiência e aos alunos uma inserção a uma didática criativa.

A pesquisa foi desenvolvida em caráter qualitativo/quantitativo, buscando entender fenômenos humanos e obter uma visão detalhada e complexa por meio de uma análise científica. Conforme Bauer e Gaskel (2008, p. 30), “esse tipo de pesquisa se preocupa com o significado dos fenômenos e processos sociais”, isto é, a análise das fontes vai “ganhando magnitude crítica”, à medida que “a seleção das entrevistas, dos textos e de outros materiais, exige um tratamento mais sistematizado comparável a da pesquisa por levantamento”. Aqui se configurou como uma maneira de escutar as pessoas participantes da composição das fontes, não tratando-as como objeto, cujo comportamento é abordado em muitos casos quantitativa e estaticamente modelado.

Quanto ao local e campo da pesquisa, foi selecionada uma escola da rede estadual de ensino, na zona leste da cidade de Manaus, pois atendia os requisitos para a realização da pesquisa, sendo o principal possuir Ensino Fundamental nos anos iniciais.

Figura 4. Localização da Escola Estadual Rilton Leal Filho. Manau-Am



Fonte: <https://www.google.com/maps/place/E.E.+Rilton+Leal+Filho> (2023).

A Escola Estadual Rilton Leal Filho, situada na Rua Rio Xanxerê, nº 100, Armando Mendes, zona leste de Manaus, foi criada em 1992 para atender às necessidades de uma grande parte da população do bairro. Dessa maneira, a associação de moradores disponibilizou o imóvel, que inicialmente tinha como projeto a Feira Municipal Armando Mendes, sendo posteriormente transferido ao governo estadual para a gestão da escola.

Desse modo, a escola passa a oferecer aos seus alunos um ensino que possa superar as dificuldades escolares, oferecendo as disciplinas regulamentadas, além de Língua Estrangeira, Artes e Educação Física, de acordo com a grade curricular oferecida pela Secretaria de Educação e Desporto – SEDUC e conforme previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no Artigo 3º²:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral, e do governo assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referente à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Esse paradigma de Escola não trata apenas de um espaço escolar, mas de

² Ver: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm.

como as crianças e adolescentes devem term uma educação integrada, capaz de estimular os alunos na construção de novos conhecimentos. Neste sentido, a escola exige dos docentes atualizações em suas metodologias pedagógicas, estabelecendo também que todos os envolvidos nesse processo educacional.

Segundo dados coletados na escola, os alunos, em sua maioria, advêm de família de baixa renda, fazendo-nos pensar que compartilham um índice de desenvolvimento humano (IDH) baixo.

Além disso, a participação dos pais na escola é uma referência positiva, ainda que nem todos participem das reuniões destinadas às discussões sobre os processos de ensino-aprendizagem dos alunos, dentre outros assuntos.

Nesse cenário, percebemos ainda que a escolaridade dos pais de nossos alunos varia entre analfabetismo, ensino fundamental (incompleto ou completo), ensino médio (incompleto ou completo) e ensino superior. O que se explica pelo entorno onde está a escola. O bairro Armando Mendes e adjacências é constituído de pessoas com situações econômicas variadas. Os níveis estão entre a classe baixa e a média. Há também um número elevado de famílias que experimentam situações de pobreza extrema. Os responsáveis pelas famílias trabalham na informalidade, havendo também aqueles que são trabalhadores do Polo Industrial de Manaus, pois o bairro fica localizado nas proximidades dessa região, além de outras profissões.

De acordo com os documentos norteadores, a escola segue a linha pedagógica sociointeracionista, na qual a aprendizagem se dá a partir da interação do sujeito com o objeto de conhecimento. A escola, portanto, valoriza as interações que se estabelecem entre os alunos e o conhecimento, ampliando o desenvolvimento integral do aluno, pois o ser humano cresce em um ambiente social e sua interação com outras pessoas e o meio é fundamental para o seu desenvolvimento. Há preocupação com o desenvolvimento educacional, humano e social das crianças pertencentes à comunidade do bairro Armando Mendes, Zona Leste da cidade de Manaus, sem se desvincular da dura realidade em que vivem, provenientes de famílias carentes, de acordo com a história da fundação do bairro onde a escola está inserida.

Contudo, por ser lotada na escola, posso afirmar que a estrutura física não condiz com a preocupação com o processo de ensino-aprendizagem e com a expectativa gerada por parte dos alunos e da comunidade: a escola não possui quadra poliesportiva, apenas um pátio dentro do espaço físico, não possui laboratório de ciências e informática, nem tampouco uma biblioteca adequada para alunos e

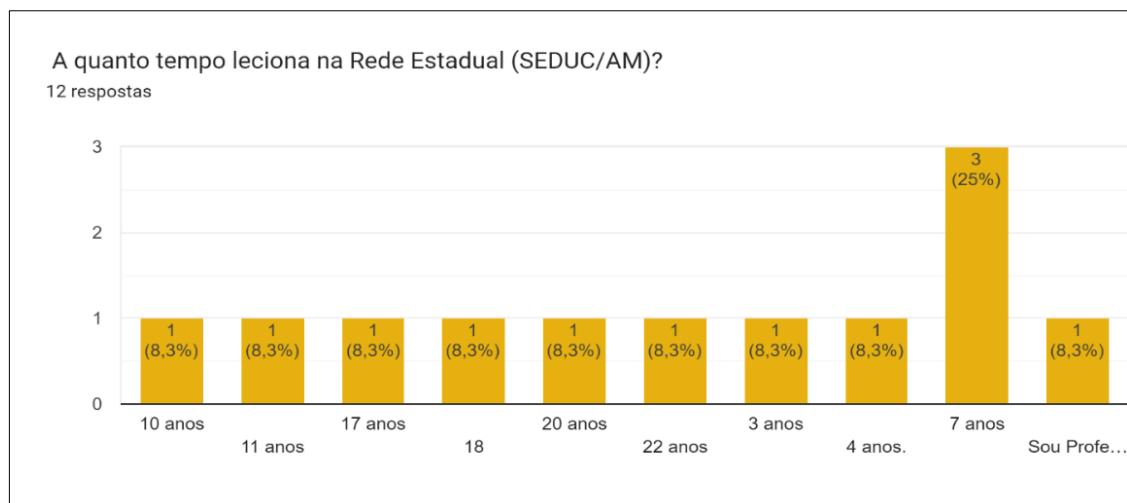
professores. O espaço educacional utilizado é do estado do Amazonas, e a escola oferece o ensino fundamental I e II, com 14 salas de aula, atendendo em média 35 alunos por sala, totalizando 924 alunos.

3.2 Sobre os professores(as) que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental na escola pesquisada

Para realizar esta pesquisa sobre a música e as toadas em sala de aula foi aplicado um questionário para 12 professores ativos na rede pública de ensino, que atuam no Ensino Fundamental I, como formação em Pedagogia ou Normal Superior, configurando seus perfis e o que esses profissionais têm a falar de suas práticas docentes.

Nesse sentido, utilizamos questionários físicos e enviados por meio digital (ver Apêndice 1). Buscamos saber há quanto tempo os docentes lecionam nos anos iniciais, visando verificar por meio do cruzamento com outros dados se, ao longo desse tempo, os professores vêm aplicando a música, principalmente as músicas regionais no ensino de História.

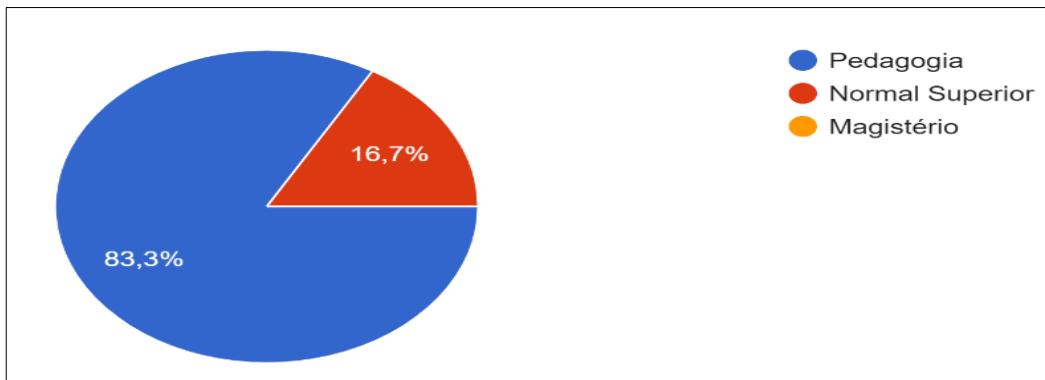
GRÁFICO 1. Tempo de serviço dos professores na SEDUC/AM



Fonte: Questionário do professor (Apêndice 1), segundo semestre de 2023.

Dentre os professores que responderam ao questionário, cerca de 66,4 % lecionam há mais de 10 anos na rede estadual de ensino, sendo que alguns possuem, em média, próximos a 20 anos de docência. Destaca-se que todos os participantes possuem habilitação para lecionar conteúdos de história apenas nas séries iniciais. Assim, partimos para verificar suas formações.

GRÁFICO 2. Formação dos Professores

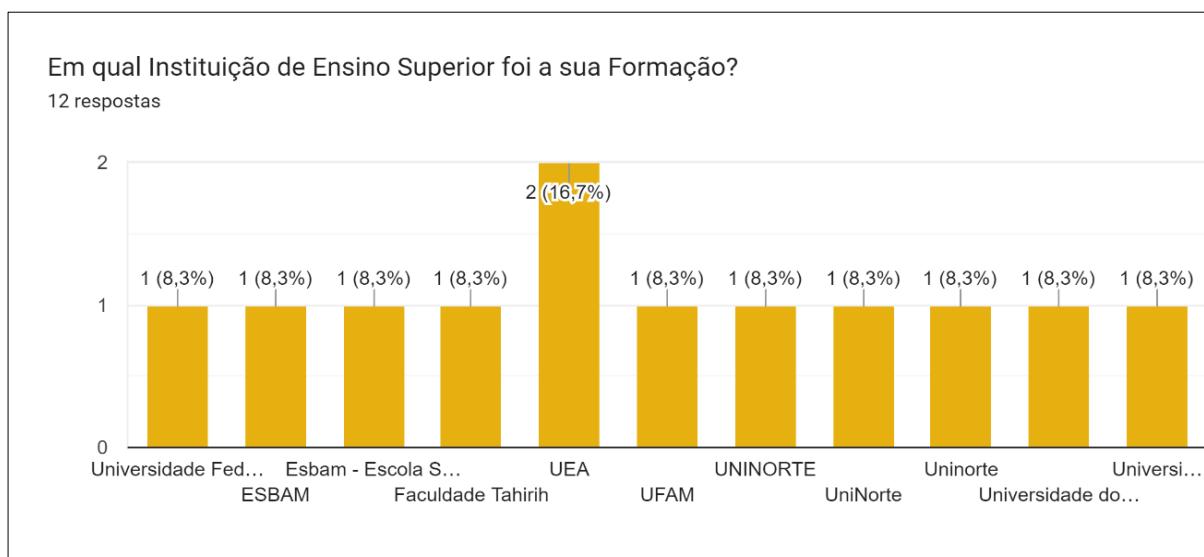


Fonte: Questionário do professor (Apêndice 1), segundo semestre de 2023.

Considerando suas formações, 83,3 % possuem Licenciatura em Pedagogia e 16,7 % em Normal Superior. O curso Normal Superior surgiu no final de 1999, para atender à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, que determinava que todos os professores deveriam ter diploma de graduação até 2007, desde então foi o fim dos cursos de Magistério (antigo 2º grau).

Acredita-se que o professor das séries iniciais, ao longo das últimas décadas, vem mudando sua trajetória acadêmica e sua identidade profissional, pois, as exigências cotidianas fazem com que esse educador venha buscar mais conhecimento para as suas práticas; porém, essas novas responsabilidades trazem muitos conflitos, pois a exigência com relação ao ensino e a aprendizagem do aluno está cada vez ampliada.

GRÁFICO 3. Instituição de formação

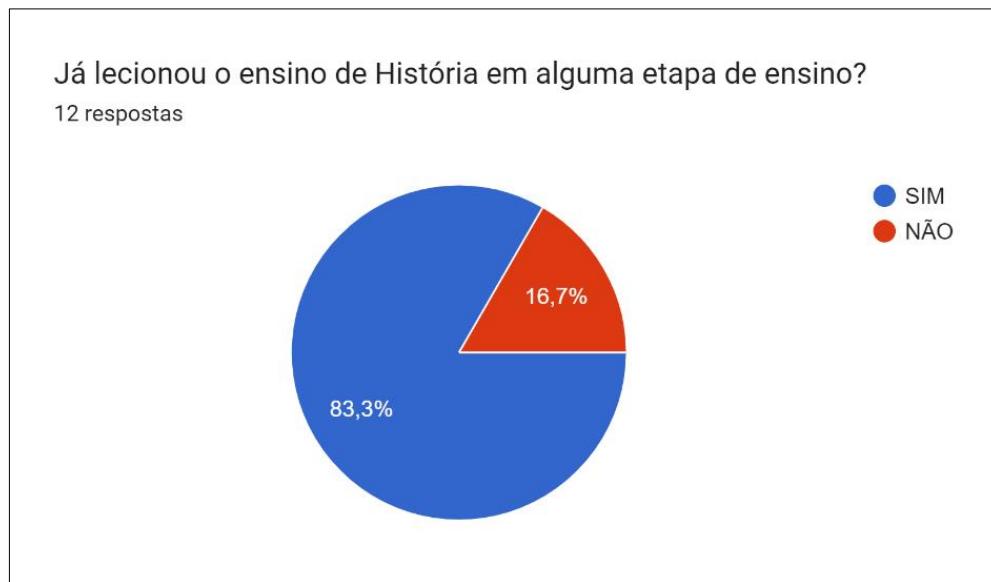


Fonte: Questionário do professor (Apêndice 1), segundo semestre de 2023.

A partir das novas formações em Pedagogia, as Instituições tiveram de mudar suas grades curriculares, colocando práticas pedagógicas em cada etapa de ensino e componente curricular. Na cidade de Manaus, estado do Amazonas, várias Instituições de Ensino de Superior ofertam o curso superior em Pedagogia, com foco na Licenciatura para as séries iniciais, lembrando que a Pedagogia licencia esse profissional para atuar na creche, Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino fundamental. Esse profissional pode também atuar como Pedagogo em todo Ensino Básico.

No gráfico em questão é apresentada uma porcentagem maior nas formações em Instituições de ensino superior particulares, ficando as Instituições de ensino superior públicas em segundo lugar, isso se dá pela oferta e demanda para cursar o ensino superior no Amazonas.

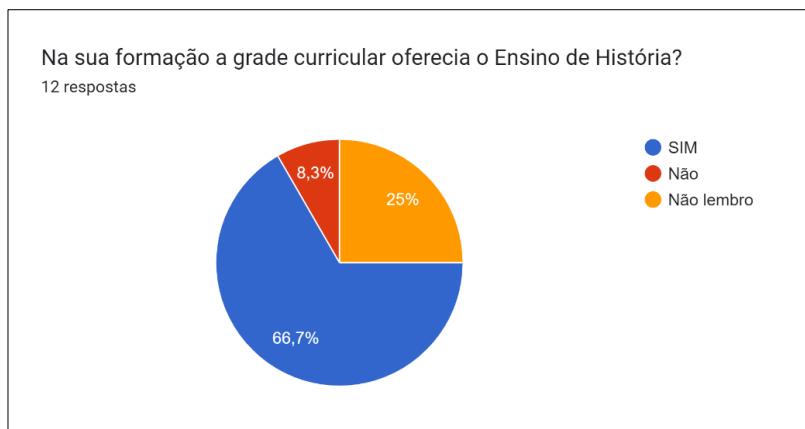
GRÁFICO 4. Ensino de História nas séries iniciais



Fonte: Questionário do professor (Apêndice 1), segundo semestre de 2023.

Diante das suas experiências docentes, 16,7% dos entrevistados nunca lecionaram o componente História, sendo relatado nas entrevistas que sempre foram lotados para ministrar português e matemática.

A porcentagem dos entrevistados “já lecionou história”; porém, ficava em segundo plano, pois a alfabetização sempre foi a prioridade. O foco em português e em matemática pode demonstrar que o ensino de história passa despercebido na grade curricular dos alunos.

GRÁFICO 5. Grade curricular e a formação no Ensino de História

Fonte: Questionário do professor (Apêndice 1), segundo semestre de 2023.

No gráfico, podemos observar que em suas formações, 66,7% tiveram na grade curricular o ensino de história; porém, segundo suas falas, o ensino de história não foi levado em consideração, e sim o aspecto formal da didática, ou seja, de como aplicar o conteúdo em sala de aula. Observou-se em seus relatos que a didática, desde do tempo do curso de magistério, sempre foi mais importante.

Na formação acadêmica, boa parte dos entrevistados teve em sua formação conteúdos voltados para a didática da História na grade curricular; no entanto, 25% não se lembraram se tiveram ou não, o que nos faz pensar que o esquecimento se dá devido a pouca relevância.

QUADRO 2. A importância do Ensino de história nas séries iniciais

P1	<i>importantíssimo, porque constitui a base do aprendizado pra essa faixa etária.</i>
P2	<i>sim. pois a criança precisa entender o presente, sua cultura. E assim, valorizar seu povo</i>
P3	<i>É importante, porque é através dessa disciplina, que a criança irá conhecer e compreender acerca da formação da sociedade dentre outros aspectos.</i>
P4	<i>também acha importante o ensino de história, pois esse ensino nas séries iniciais proporciona ao aluno entendimento inicial sobre sua origem (familiar e/ou social) e daqueles que convivem no mesmo ambiente que o aluno e como essa origem pode afetar (positivamente ou negativamente) a forma como o indivíduo se insere na sociedade atual.</i>
P5	<i>apenas relatou que o ensino de história é importante sim, porém não soube dizer sobre a sua importância para os alunos.</i>

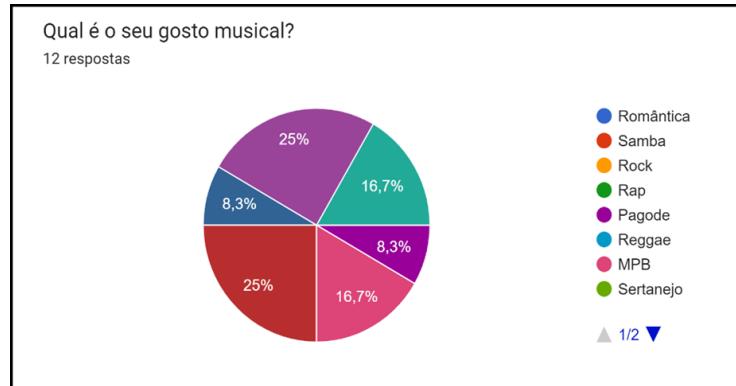
P6	<i>diz que o ensino de história é importante, porque leva os alunos a compreenderem o presente, por meio da história do passado.</i>
P7	<i>responde que conhecer o passado é essencial para mudar o presente! Então para os alunos é essencial o ensino de História.</i>

Fonte: Questionário do professor (Apêndice 1), segundo semestre de 2023.

As respostas evidenciam como o ensino de história é visto por algumas instituições, o que reflete de forma direta na *práxis* dos docentes por elas formados, tendo em vista a visão de ensino e didática da história proposta por Rüsen (2007).

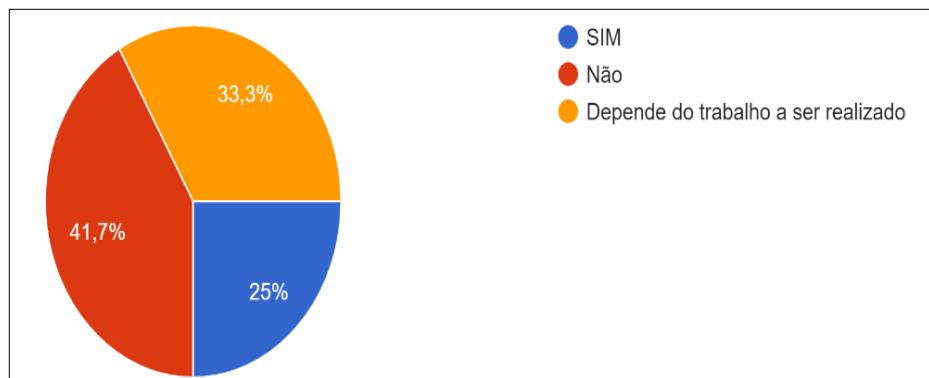
Constatando ainda que, embora todos os professores participantes percebam a importância do ensino de História, com exceção de um, não há nas respostas indicação de como essa importância se traduz na prática. Uma situação semelhante ocorre em relação à aproximação dos entrevistados com a música.

GRÁFICO 6. Gosto Musical



Fonte: Questionário do professor (Apêndice 1), 2023.

GRÁFICO 7. Seu gosto musical interfere ao planejar as aulas que envolvam músicas?

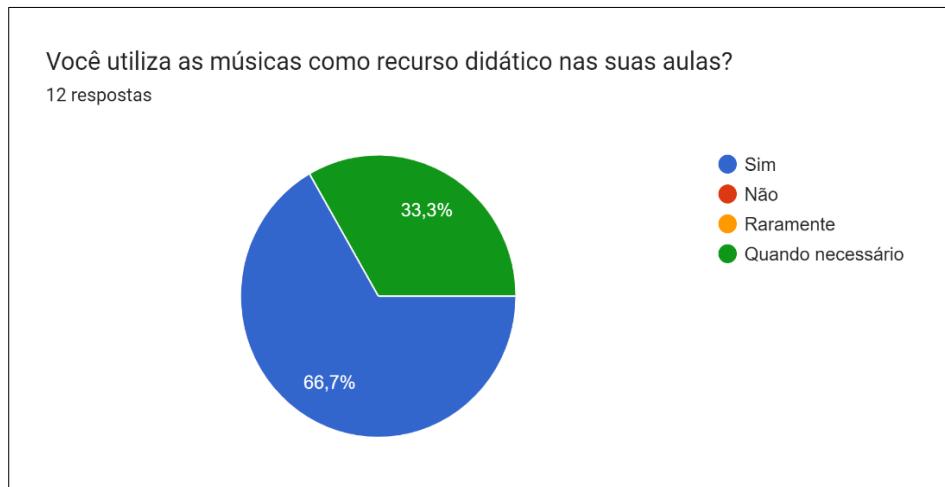


Fonte: Questionário do professor (Apêndice 1), segundo semestre de 2023.

Observamos no Gráfico 6 que a toada não figura entre os estilos musicais apontados. No Gráfico 7, verificamos que apenas 41,7% dos docentes afirmam que o gosto musical não é levado em conta na hora de planejar uma atividade, enquanto a maioria afirma que sim (25%) ou que buscam articular seu gosto musical com o trabalho a ser realizado (33,3%), ou seja, pouco mais da metade dos entrevistados levam seu gosto musical em conta, sendo que a toada, não aparece no Gráfico 6. Assim, é bem interessante saber que o gosto musical pode interferir também no processo de planejamento das atividades que irão envolver a música.

Quanto à utilização da música, a maior parte afirma utilizá-la como recurso didático com frequência em suas aulas, enquanto 33,3% a utilizam quando necessário ou a pedido da escola para atividades solicitadas, como aponta o Gráfico 8

GRÁFICO 8. A utilização da música como recurso didático



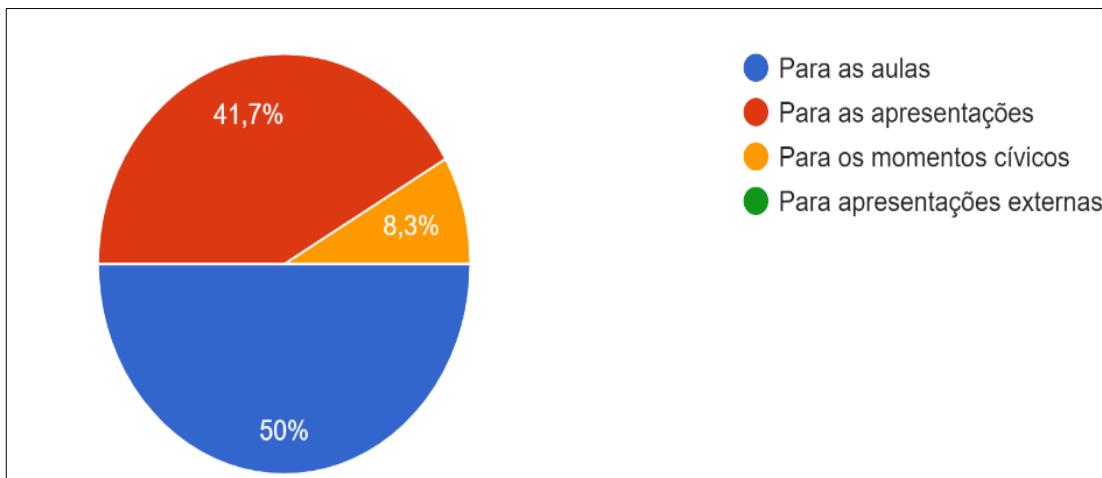
Fonte: Questionário do professor (Apêndice 1), segundo semestre de 2023.

É interessante perceber que o gosto musical, a “necessidade” e as solicitações da escola interferem no planejamento das atividades e na dinâmica das aulas, ou seja, no processo didático em si.

No gráfico a seguir, é verificado como os professores utilizam a música, confirmando que boa parte dos entrevistados vê na música um bom recurso didático. Não obstante, uma parte expressiva ainda a vê como um recurso para momentos especiais, nas apresentações, como no “Dia do Folclore” ou “Dia das Mães”, ou apenas utiliza a música em momentos cívicos, estando ela associada à dança, como no “Dia da Bandeira” ou da Independência, por exemplo. É interessante notar que a

música figura em atividades realizadas fora da escola, no ambiente externo, de forma a projetar o trabalho realizado pela escola na comunidade.

GRÁFICO 9. Momento do planejamento e as músicas



Fonte: Questionário do professor (Apêndice 1), segundo semestre de 2023

A respeito das escolhas das músicas, observamos em algumas falas a ausência de menção das músicas regionais e, até mesmo, de músicas que tratam de algum momento histórico. Como podemos ver no quadro abaixo

QUADRO 1. Escolha das músicas e sua aplicação

P1	<i>Agora mesmo estou trabalhando a música Planeta Água, para ilustrar melhor os ciclos da água e importância dela para a vida no planeta.</i>
P2	<i>já utilizei música para alfabetizar os alunos do 1º ano, para ela a música chama atenção pelo som das letras e silabas, ou seja, a música chamava atenção dos alunos através dos sons.</i>
P3	<i>apliquei música voltada para a alfabetização! É um recurso pedagógico excelente para o desenvolvimento das crianças!</i>
P4	<i>ainda não apliquei a música como um recurso didático nas séries iniciais, mas ao lecionar Inglês no ensino fundamental II.</i>
P5	<i>não esqueço de um momento em que trabalhei com a música Aquarela, e o caderno, para ela a música é um excelente recurso em que os alunos gostam.</i>
P6	<i>Trabalhei com a música Cara de quê? Em que falava das emoções, a música foi trabalhada com as crianças do 1º ano do ensino fundamental I.</i>
P7	<i>já demonstrei de forma criativa como funciona a música clássica, tema foi aplicado no ensino de artes.</i>

P8	<i>uso muito a música na educação infantil, ensinava sequência numérica, ordem alfabética e cores.</i>
P9	<i>gosto de utilizar muito as músicas regionais. Utilizo as músicas dos artistas locais, pois me agrada.</i>

Fonte: Questionário do professor (Apêndice 1), segundo semestre de 2023

Podemos observar algumas situações em que os participantes utilizaram a música como recurso didático. O P1 deu ênfase ao ensino de Ciências; P2 e P3 afirmaram sua eficiência na alfabetização; P4 utilizou e ainda utiliza a música especificamente para trabalhar a pronúncia e o aprendizado da língua inglesa; P5 e P6 a utilizam para trabalhar as emoções e a percepção de si; P7 e P8 destacam seu papel promotor no ensino de artes e da matemática, respectivamente; e apenas P9 faz menção às músicas regionais, pois nelas as letras falam de nossa região, contando que, como cresceu ouvindo as toadas de boi bumbá de Parintins, gosta de trazer essas músicas em todas as disciplinas que ministra. Observamos que não há menção ao ensino dos componentes curriculares históricos.

No quadro abaixo são destacadas as funções que a música pode desempenhar no processo de ensino e aprendizagem.

QUADRO 2. Contribuição da música no processo de ensino aprendizagem

P1	<i>Sim, através da música conseguimos atrair a atenção deles e envolvê-los no processo, para alcançar nosso objetivo.</i>
P2	<i>Sim. Ela é arte e envolve as crianças, dar prazer, encanta.</i>
P3	<i>Sim. A música em si, além do fator entretenimento, é de fácil memorização e pode ser utilizada praticamente por qualquer disciplina como auxílio de aprendizagem.</i>
P4	<i>Sim. Estimula nas crianças a atenção, percepção, memória, lateralidade, desenvolvimento motor entre outros.</i>
P5	<i>Sim.</i>
P6	<i>Sim. Ela é importante para o desenvolvimento da linguagem.</i>
P7	<i>Sim. Através dela podemos ensinar várias coisas como saudações, noções de matemática e outros</i>
P8	<i>Demais. DESENVOLVEM a linguagem</i>
P9	<i>Torna a aprendizagem mais fluída.</i>
P10	<i>Sim. Desperta o pensamento e estimula a imaginação.</i>

P11	<i>Sempre, com certeza</i>
P12	<i>Sim, interação</i>

Fonte: Questionário do professor (Apêndice 1), segundo semestre de 2023

De modo geral, os entrevistados apontaram o potencial lúdico e prazeroso da música, pois ligam-se às práticas sociais de entretenimento e ao prazer, haja vista o encantamento e a emoção de ouvir e sentir, por ser manifestação da arte e do engenho humanos. Neste sentido, definem-na como um recurso que desperta a sensibilidade, estimula a imaginação, aguça os processos relativos à memória e promove a percepção corporal.

A música desenvolve a linguagem, favorece a interação, mobiliza a atenção e os sentidos, podendo tornar a aprendizagem mais fluida. Ainda que P3 afirme que o enorme potencial da música pode ser utilizado por qualquer disciplina, não vimos neste quadro, nem nas informações já apresentadas, qualquer menção à disciplina História, reforçando nossa constatação de que o ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental privilegia Português e Matemática, disciplinas que, não por coincidência, são avaliadas na Provinha Brasil³.

QUADRO 5. Conteúdos que podem ser trabalhados através da música

P1	<i>Muitos conteúdos...temos músicas pra quase todos os temas.</i>
P2	<i>Alfabetização, letramento, matemática, ciências</i>
P3	<i>Todas.</i>
P4	<i>Vários conteúdos e todas as disciplinas</i>
P5	<i>Creio que qualquer conteúdo. E quando a barreira do idioma é quebrada, mais possibilidades e diversificação de música e seus conteúdos podem ser encontrados.</i>
P6	<i>Em todas as disciplinas</i>
P7	<i>A música abre um leque para diversos conteúdos em diversas disciplinas.</i>
P8	<i>Acredito que tem que planejar bem as aulas para alcançar os objetivos propostos</i>

³ “A Provinha Brasil é uma avaliação diagnóstica aplicada aos alunos matriculados no segundo ano do ensino fundamental. A intenção é oferecer aos professores e gestores escolares um instrumento que permita acompanhar, avaliar e melhorar a qualidade da alfabetização e do letramento inicial oferecidos às crianças. [...] é uma das metas do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE).” Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32050#:~:text=A%20Provinha%20Brasil%20%C3%A9%20uma%20avalia%C3%A7%C3%A3o%20diagn%C3%B3stica%20aplicada%20aos%20alunos,letramento%20inicial%20oferecidos%20%C3%A0s%20crian%C3%A7%C3%A7as>.

P9	<i>Matemática. Saudações. Verbos. Arte. Língua Portuguesa. Ciências e outras.</i>
P10	<i>Diversos, inclusive os interdisciplinares.</i>
P11	<i>Variação linguística, história do Amazonas, a geografia do Amazonas, diversidade cultural</i>
P12	<i>Matemática, Arte, História, Língua Portuguesa, História, Geografia. Em todas as disciplinas.</i>

Fonte: Questionário do professor (Apêndice 1), segundo semestre de 2023

No Quadro 5, fica evidente o reconhecimento da música como recurso didático utilizável para todos os conteúdos ou disciplinas, ainda que as menções explícitas não abarquem a história, aspecto que exigirá, em um momento futuro, uma investigação mais aprofundada.

Junto a isso, destacamos que dos sete entrevistados que responderam à pergunta seguinte, se já tinham ouviu ou observado alguma escola ou professor utilizando as músicas regionais em sala de aula, a maioria das respostas foi “sim”, com uma menção para as apresentações cívicas e ligadas ao meio ambiente, e dois entrevistados afirmaram usar bastante músicas regionais, um deles especificando o uso de toadas.

A próxima questão segue a mesma linha, ou seja, indaga se, em algum momento de sua carreira, o entrevistado aplicou ou já presenciou algum professor utilizar as toadas de boi-bumbá de Parintins como instrumento pedagógico. Apenas dois dos doze entrevistados que responderam afirmaram nunca ter visto ou aplicado tal prática. Somente três docentes afirmaram ter utilizado as toadas, apresentando as seguintes respostas:

- P9 – “Eu uso bastante, aproveito para trabalhar Artes Visuais, dança; meus alunos adoram”;
- P10 – “Sim. Era um projeto escolar”;
- P11 – “Sim, apresentação no festival escolar e apresentações de trabalhos de Geografia e História”.

QUADRO 3. Por que as toadas não são aplicadas como um recurso didático pedagógico?

P1	<i>talvez seja por questões religiosas</i>
P2	<i>os professores não têm estímulo para fazer uma aula diferenciada.</i>

P3	<i>os professores não utilizam as toadas de boi bumbá de Parintins, por falta de conhecimento.</i>
P4	<i>não sabe informar o motivo, mas talvez por conta de um distanciamento cultural. Achando que seja uma consequência histórica de se distanciar da própria cultura por conta da internacionalização dessa mesma cultura.</i>
P5	<i>acredito que seja por conta da religião. “Não estou generalizando, mas muitos é por esse motivo</i>
P6	<i>o professor é sobrecarregado de trabalhos burocráticos e não sobra tempo para planejar e pesquisar esse tipo de música.</i>
P7	<i>explica que na SEDUC/AM há professores específicos. E cada um trabalha uma disciplina. E nem todos os professores utilizam a música como recurso.</i>
P8	<i>Estão acostumados ao material pronto.</i>
P9	<i>Não sei, mas eu particularmente uso bastante. Sou parintinense e jamais negaria minhas raízes.</i>
P10	<i>Por falta de conhecimento.</i>
P11	<i>Eu não sei responder, porque eu utilizo e não vejo problema algum.</i>
P12	<i>A letra é um pouco difícil</i>

Fonte: Questionário do professor (Apêndice 1), segundo semestre de 2023

Nessas respostas, alguns aspectos se destacam, como quando P1 e P5 apontaram motivos religiosos, o que nos faz considerar o avanço das religiões pentecostais e neopentecostais no Brasil, tendência que foi constatada no último Censo do IBGE.

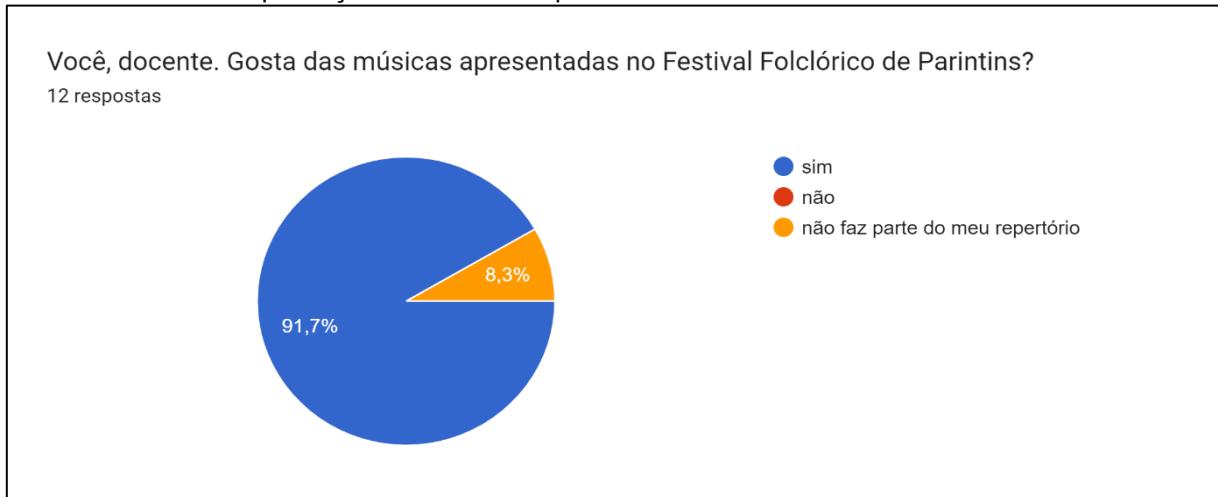
Por outro lado, P3 e P10 apontaram “a falta de conhecimento” e enquanto P12 explicaram que consideram as letras “um pouco difícil”. Ainda tivemos respostas que relacionam a não utilização das toadas com questões cruciais da profissão, como a falta de “estímulo para fazer uma aula diferenciada”; pelo fato do professor “sobrecarregado de trabalhos burocráticos e não sobrar tempo para planejar e pesquisar esse tipo de música”, como disse P6; ou ainda, como apontou P8, pelos professores estarem “acostumados a material pronto”, nos levando a pensar nos livros didáticos e na tendência crescente da adoção de materiais apostilados fornecidos por empresas educacionais.

Tivemos ainda duas respostas, P9 e P11, que informaram que as toadas fazem parte do cotidiano em suas salas de aula, inferindo que a não utilização se deva a um distanciamento cultural. Explicaram que talvez seja uma consequência histórica distanciar-se da própria cultura, por conta da internacionalização dessa mesma cultura, algo que observamos se intensificar nestes tempos de globalização e de expansão do acesso às mídias digitais.

Complementando esse argumento, afirmaram que as toadas tratam da Amazônia e de suas questões socioculturais, econômicas e ambientais, e que suas letras são ricas em conhecimentos, criando, ao nosso ver, momentos propícios para discutir questões que afetam a todos, introduzindo-as no universo das crianças.

A fim de avaliar o grau de afinidade dos docentes com as toadas e a representatividade delas, no que diz respeito ao Amazonas e à sua cultura, propusemos a questão registrada no gráfico abaixo.

GRÁFICO 10. Apreciação das músicas apresentadas no Festival Folclórico de Parintins



Fonte: Questionário do professor (Apêndice 1), segundo semestre de 2023

Observamos que todos os entrevistados responderam à questão que não houve respostas negativas. A maioria afirmou gostar das toadas, mas esses dados cotejados com as respostas à pergunta seguinte nos fornecem uma visão mais aprofundada sobre a utilização ou não das toadas nas salas de aula.

Assim, ao serem perguntados sobre qual música indicariam para representar o estado do Amazonas, obtivemos respostas que relativizam o papel das toadas na cultura local, sendo que apenas um entrevistado afirmou não saber responder. Três entrevistados citaram músicas do grupo Raízes Caboclas, como "Porto de Lenha",

"Cantos da Floresta" e "Canoeiro". Oito participantes mencionaram as toadas, três deles especificaram: "Lamento da Raça (1996)"⁴, do parintinense Emerson Maia, compositor do Boi Garantido, relançada em 2023.

Os demais afirmaram a beleza das toadas, mas dois citaram a influência de outros estilos a partir do gosto popular, como o brega; um citou as músicas do Zezinho Correa, vocalista já falecido da banda Carrapicho; um afirmou que "tem tantas toadas maravilhosas que representa o Amazonas, fica difícil citar uma"; e outro apresentou uma resposta curiosa, que "as toadas talvez representem muito bem a cultura dos povos indígenas e do boi bumbá; há outros estilos musicais como o forró, Calypso e tecno brega, que também estão bastante presentes no repertório musical no estado do Amazonas", ou seja apontando a diversidade da cultura local, algo que reflete a multiplicidade de populações que habitam o Amazonas.

Essa "conversa" com os professores por meio do questionário nos possibilitou afirmar que há uma ampla percepção de que a música é um recurso didático dotado de inúmeras qualidades e funções no processo ensino aprendizagem de modo geral, isto é: por despertar interesse e atenção; auxiliar na assimilação de conteúdos, por ser uma forma lúdica de aprender; por estimular várias habilidades nos estudantes, relacionado ao fato de ser arte, entretenimento e prazer, acessível a qualquer idade; por poder ser usada em todas as disciplinas, por fazer parte do cotidiano de todos.

No entanto, observamos que, ainda que o questionário apresente esse conjunto rico de argumentos a favor da música como recurso didático, a falta de referências ao componente curricular história aponta para a conclusão de que é atribuída pouca importância a ele. Isto nos leva a inferir que os conteúdos históricos são trabalhados por constarem da estrutura curricular das escolas do Amazonas e não por serem vistos como parte significativa no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes dos anos iniciais.

Em relação às toadas, a investigação junto aos professores apontou uma certa ambiguidade quanto a sua utilização como recurso didático. Um mesmo participante apresentou respostas que não se alinham, possibilitando inferir que as toadas não fazem parte do elenco de recursos constantes nos planejamentos desenvolvidos.

Observamos também que há, entre os docentes, a percepção de que as toadas são peças importantes da cultura amazonense, devido à sua estrutura que as torna

⁴ Ver: <https://www.acritica.com/entretenimento/lamento-de-raca-classico-amazonico-e-relancado-em-campanha-pela-preservac-o-da-amazonia-1.325587>

apelativas, por suas letras, por suas melodias e pela sua articulação direta com a dança. Não obstante, podemos dizer que elas ainda não são associadas ao componente histórico, tendo em vista não apenas o contexto sócio-histórico no qual estão inseridas, a manifestação do Boi Bumbá amazonense e, na contemporaneidade, o fenômeno de mídia que é o Festival Folclórico de Parintins.

No último capítulo, investigaremos a percepção dos estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental sobre o uso das toadas em sala de aula.

4 UMA PROPOSIÇÃO PARA O USO DA TOADA COMO RECURSO DIDÁTICO: UMA BREVE ANÁLISE DA TOADA “GUARDIÃ”, DO BOI-BUMBÁ CAPRICHOSO (AUTORES: RODRIGO BITAR E RONALDO YOSHI, 2020)

Hoje, a música tem-se tornado objeto de pesquisa para muitos historiadores e tem sido utilizada como fonte e material didático com bastante frequência nas salas de aula, principalmente nas disciplinas de História, Geografia, Artes e Língua Portuguesa. O uso da música é importante, pois é o meio de comunicação bem próximo da vivência dos alunos.

Entre os tipos de música, o que vem mais atraindo para as aulas são as músicas populares brasileiras. Isso se deve às suas características de não deixar dúvidas; ou seja, em muitas delas, as letras são claras e objetivas. Segundo Napolitano (2002, p. 07), a música tem a capacidade de ser “a intérprete de dilemas nacionais e veículo de utopias sociais; canta o futebol, o amor, a dor, um cantinho e o violão”.

Ouvir música é um prazer para muitas pessoas, um momento de lazer e diversão. Quando esse som adentra para além dos muros da escola, nas salas de aula, transforma-se em uma ação social e cultural para a aprendizagem, pois o que deve ser levado para dentro das salas vai muito além da música a ser ouvida; ela precisa ser compreendida. Para que isso aconteça, o professor precisa estar atento à historicidade dessa música, às possibilidades da linguagem musical e à abordagem de momentos históricos e culturais.

A música folclórica (toada) do Boi Caprichoso, intitulada “Guardiãs”, foi inspirada na “Marcha das Mulheres Indígenas”, de 2019, a qual retrata a luta das mulheres indígenas pela preservação, conservação e demarcação das terras.

Essa toada é uma das que compõem a temática escolhida pelo Caprichoso para o ano de 2020, intitulada “Terra: Nosso Corpo, Nosso Espírito”. A letra de “Guardiãs”, assim como das demais toadas que integram este “enredo”, é marcada por palavras que remetem à força, ao compromisso e à luta dos povos amazônicos, dando destaque às mulheres.

GUARDIÃS

Compositores: Rodrigo Bitar e Ronaldo Yoshi (2020)

“Pisa ligeiro, pisa ligeiro	O respeito é primordial
Quem não pode com a formiga	Mulheres índias, mulheres negras
Não assanha o formigueiro”	Mulher de lutas e opiniões
Combatendo a opressão	Mulheres brancas, mulher do campo
Protegendo nosso chão	Independentes, mulheres mães
Resistindo ao genocídio	No final quem vence é o bem
E fazendo revolução	Ninguém larga, ninguém solta
Reafirmo o compromisso	A mão de ninguém
Em marcharmos juntas outra vez	A terra alimenta nossa gente
Suprimindo o extermínio	Cura de enfermidade
Caprichoso em união	É raiz da diversidade
Repudiando as queimadas, a violação	Vamos viver
É urgência, violência	Vamos amar
Contra a terra, contra o povo	Vamos crescer
Meu povo, pede socorro	Se tapar o sol com a peneira
Nosso dever é fortalecer	Não fechar os olhos
Proliferar o conhecimento	Pra quem deu colo a vida inteira
Do nosso velho ancestral	Dos filhos deste solo és mãe gentil
É o lugar onde muitas formas	De punhos cerrados
De existência se multiplicam	Mulheres do meu Brasil

Fonte: Silveira; Sena, 2021.

O Festival de Parintins, ao tratar dessa questão, traz em suas toadas e melodias a voz e um grito de saudação pela preservação do meio ambiente, pela luta de várias etnias, quilombolas, ribeirinhos e a lutas de mulheres guerreiras, que não deixam a opressão silenciar. Assim, a toada “Guardiãs” traz essas pautas em sua letra.

Dentre as toadas de 2020, “Guardiãs” trata diretamente da luta das mulheres, enquanto as demais abordam diversas questões, além de exaltar o Boi Caprichoso. Estas obras tratam da união dos povos em um único grito de resistência frente aos desafios impostos pela exploração desenfreada de terras nativas por garimpeiros, fazendeiros e madeireiros, dentre outros agentes sociais, resultando em mortes, desigualdade, injustiça e um desequilíbrio ecológico irreparável. Silveira e Sena (2021) afirmam que, ainda que haja limites narrativos,

[...] os produtores culturais e artistas envolvidos com os Bois de Parintins têm tentado renovar as linguagens para valorizar o “caboclo amazônico”, indo além da ideia de mestiçagem, do apelo simplista e nostálgico ao passado, contornando as exigências do mercado (2021, p. 16).

Neste sentido, os autores afirmam que as toadas reconfiguram suas linhas argumentativas, “que já foi no passado a “fábula das três raças”, preponderante no folclore – em que índios, brancos e negros se fundem para produzir a nação” Silveira; Sena, 2021, p. 16). Neste contexto, reconfigura-se também o papel das mulheres, ao terem reconhecido a sua atuação fundamental na sociedade amazônica e nas suas lutas, chamando atenção para o seu protagonismo nesse processo de resistência. Podemos afirmar que as lutas travadas em favor da Amazônia são fundamentais para a emancipação feminina.

No contexto atual, as toadas expressam um conjunto de questões por meio de narrativas que evidenciam processos socioeconômicos, socioculturais e socioambientais amazônicos. Portanto, consideramos que se articulam com o que a Base Nacional Comum Curricular – BNCC recomenda para o ensino de história.

O uso da música como recurso didático pode estimular a percepção das mudanças e permanências, fundamental para o aprendizado do tempo histórico, para que os alunos compreendam este tempo, não é apenas necessário o uso do calendário e de datas específicas para entender momentos históricos na sucessão do tempo, mas também perceber que existem diferentes ritmos de durações temporais.

Iniciando a abordagem da toada “Guardiãs”, ela explana sobre o episódio da Marcha das Mulheres de 2019, relata a luta das mulheres em favor da valorização e preservação de suas tradições, reafirmando a importância de exigir o direito à igualdade entre os povos, da preservação da floresta e ilustrando, além disso, o poder da força feminina brasileira, seja ela indígena, negra, branca, mãe, mulher do campo, cabocla ou independente.

A toada “Guardiãs” dialoga com o Referencial Curricular Amazonense – RCA (Amazonas, 2019) no objeto de conhecimento “Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas” e com a habilidade da BNCC EF05HI05, “associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica” (Brasil, 2018).

O Referencial Curricular Amazonense (RCA), juntamente com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), orienta que o aluno das séries iniciais deve, ao final de

seu ciclo, ter a competência de “produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais” (Amazonas, 2019).

Nesse sentido, compreendemos que é necessário considerar a importância da valorização da música e do conhecimento da história local, entendendo que valorizar essa memória e as experiências históricas favorece o surgimento de um senso crítico.

Segundo Lucini (1999) e Seffner (2000), o ensino de história deve oferecer aos alunos textos diferenciados, produtos da mídia e tecnologias, como filmes, jornais, músicas, poesias, revistas, histórias em quadrinhos, desenhos animados, arquivos públicos e pessoais, entre outros. A reconstrução da história local pode ser inserida nesses parâmetros; para tanto, o professor deve estar preparado para conduzir da melhor maneira o processo de intermediação.

Diante dos percebidos desafios, o ensino de história tem se aproximado ainda mais dos alunos através do uso de diferentes recursos didáticos, músicas, mídias digitais, danças, jornais, objetos materiais, configurando-se aí a ideia de fonte. Como explicam Coelho e Leite:

A História se faz com fontes, tudo aquilo que a humanidade deixou de vestígios, e que dentro de uma problemática de pesquisa ganha sentido inteligível. Historicizamos aquilo que a humanidade nos proporciona historicizar, através de rastros, pistas, sinais, em dado momento e espaço (Coelho; Leite, 2021, p. 51).

Dentro dessa perspectiva de diversidade de fontes, as toadas de boi-bumbá do Festival de Parintins têm propiciado reflexões em todas as esferas sociais e políticas acerca da cultura de povos indígenas, ribeirinhos e afrodescendentes da Amazônia, além da preservação do meio ambiente e a lutas desses povos.

Para além dos elementos da tradição que carregam, as toadas de boi também são meios musicais e de mídia que vem trazendo a realidade dos homens e mulheres do Norte, amazônicos, expondo em suas letras traços e expressões, lendas e estórias articulados às questões contemporâneas. Logo, defendemos que se faz necessário estudar e utilizar essas letras como fontes para nossas aulas de história, inclusive na perspectiva interdisciplinar, entendendo sua harmonia e a criatividade de uma maneira mais ampla.

Em outras palavras, as toadas narram, dão ritmo, como uma orquestra sinfônica, ao Festival Folclórico de Parintins, tendo em vista que as músicas representam todo o enredo a festa. A realização do festival se dá na disputa de dois bois bumbás, o vermelho - o Garantido, e o Azul - o Caprichoso, e acontece sempre na última semana de junho, durante três dias. Destaca-se que, na pandemia, o festival teve de paralisar suas atividades.

4.1 Proposta de Sequência Didática e seu desenvolvimento

Tema: Eu e meus antepassados: história, memória e cultura.
Unidade temática: Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social.
Público-alvo: 5º ano do Ensino Fundamental I.
Objeto de conhecimento: Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas, gênero.
Habilidade da BNCC: EF05HI05 Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.
Duração: 4 encontros de 1 h cada.
<p>Objetivos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer os conceitos de cidadania, respeito e diversidade, cultura, mulher, meio ambiente e povos indígenas; • Compreender que existe uma diferença entre ouvir a música e pensar a música; • Conhecer a história das toadas e do boi-bumbá, assim como sua origem baseada no bumba meu boi; • Compreender o sentido da letra e melodia produzido na música (toada do boi Caprichoso: “Guardiães”).
Recursos materiais. Data show, notebook, vídeo (acesso digital), lousa, pincéis, fotos, cartolina, papel ofício.

1ª aula: Organizar a sala em seis grupos de cinco alunos cada. Em seguida, realizar um sorteio das seguintes palavras: cidadania, cultura, diversidade, mulher, meio ambiente e povos indígenas. Cada grupo ficará com um tema correspondente e será solicitado a expressar o que pensa ou sabe sobre a palavra, expondo sua opinião. Os alunos deverão escrever no quadro branco o significado das palavras com base

em seu conhecimento prévio. Posteriormente, utilizar um dicionário para verificar o significado das palavras e acrescentar aos significados que eles deduziram.

A partir deste contexto, será perguntado se há alguma música que fale sobre essas palavras ou significados, então será lançado em questão o gênero musical: toada amazônica.

2ª aula: Apresentar a historicidade das toadas dos bois bumbás de Parintins, através de uma apresentação de slides no Power Point.

3ª aula: Levar a letra e a música (toada do boi caprichoso: Guardiões) e fazê-los refletir sobre o ouvir a música e pensar a música. E partir desse momento, levá-los a pensar sobre a letra da toada. Colher informações sobre o que eles entenderam da letra e melodia que a toada pode transmitir para a sociedade.

Pedir, para a próxima aula, para elaborarem cartazes a partir de pesquisas sobre o tema, escolher uma toada que possa propor uma reflexão a turma.

4ª aula: Exposição e explanação dos trabalhos.

Avaliação: Participação, apresentação dos trabalhos e elaboração de um texto dissertativo.

Aqui será evidenciado o contexto atual da educação, na qual sequências didáticas são uma forma prática para o ensino, porém ainda:

Não há mesmo o consenso é na distinção dos instrumentos “plano de aula” e “sequência didática”. A maioria afirma haver diferença entre os dois. Essa diferença, também para a maioria, está no tempo: o plano é destinado a uma aula e a sequência é destinada a várias aulas. Outros afirmam que o plano é mais burocrático e geral e a sequência didática enumera “o passo a passo”, portanto, se torna mais inteligível (Freitas, Oliveira, 2022, p. 10).

Dentro da proposta, quero levar a esse professor do ensino básico, seja ele do ensino de História ou qualquer outro campo de ensino, algo que ainda não presenciamos nas escolas de Manaus: as toadas de boi bumbá como uma fonte didática para o ensino de História e de uma forma interdisciplinar.

4.2 Resultados esperados e alcançados

Esperamos que alunos venham adquirir habilidades e competências quando ouvirem músicas, buscando refletir sobre os temas nelas contidos, principalmente na

letra da toada “Guardiãs” ou em outra música popular brasileira. A partir dessas considerações, o docente poderá rever, de várias formas com seus alunos, o conteúdo da música, a fim de que eles percebam, na prática, as ideias e preocupações que algumas músicas ou toadas trazem em suas letras.

Além disso, esperamos que os estudantes alcancem a sensibilização por meio do acesso às toadas, por meio das pesquisas que farão durante as aulas, pois não se trata apenas de ouvir a música, mas sim de entender o que se escuta, ou seja, para além das batidas musicais, refletindo que há elementos tão importantes sobre a sobrevivência do homem e da floresta amazônica.

Nesse cenário, a pesquisa desenvolveu uma sequência didática com um grupo de alunos do 5º ano de Ensino Fundamental I, e diante desse desafio foi aplicado, primeiramente, um questionário sobre algumas questões acerca da música e do ensino de história. O esperado era que fossem 30 alunos participando da pesquisa; porém, muitos pais não aceitaram o convite por se tratar das toadas de boi-bumbá de Parintins, alegaram vários motivos. Isto é, alguns alegaram que as toadas não faziam parte do seu repertório familiar e outros, questões religiosas; mas, a surpresa veio com a autorização de apenas 13 alunos.

Em suma, um tanto desanimador no início; porém, a pesquisa teria de continuar. Assim foi também com os colegas que não se propuseram a participar da pesquisa. Isso mostra que há uma distância entre o que é planejado e a pesquisa em si, sendo um tanto desafiador para quem navega em águas profundas, pois nunca se sabe o que vai encontrar.

Munida da autorização do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFRR, foi aplicado um questionário com os alunos que estavam frequentando a escola, para poder vislumbrar a viabilidade dos objetivos que gostaríamos de alcançar. As perguntas foram feitas de modo que pudéssemos entender melhor algumas questões antes de partirmos para a sequência didática proposta acima.

Uma das perguntas foi sobre a escolha da disciplina com a qual mais se identificavam. As respostas foram variadas, mas a campeã foi Educação Física, seguida por Língua Portuguesa, Artes, Matemática. Três alunos preferiram História. Essas respostas deixaram uma reflexão um tanto curiosa; nesse momento, saí do meu papel como pesquisadora e passei a refletir sobre minhas práticas pedagógicas, já que, nesse mesmo ano da pesquisa, estava lecionando História para 14 turmas do 1º ao 5º ano.

Constatei que a pesquisa não se direcionava apenas aos alunos ou à própria pesquisa. Enquanto pesquisadora, vieram à tona outras problemáticas: Como realmente o ensino de História é visto pela Educação Básica, nas séries iniciais? Por que esse ensino fica à margem de outras disciplinas? Em que momento esse ensino se torna relevante? Será que os atuais professores de Pedagogia foram disciplinados apenas a alfabetizar? Respeitando os objetivos aqui propostos, essas questões ficarão guardadas para o futuro.

Em outra pergunta, "Você gosta de música?" A resposta foi unânime: sim, todos responderam que gostam de ouvir música. Ao perguntar sobre com que frequência ouviam música, metade dos estudantes respondeu que a ouvia pelo menos uma vez ao dia, outros responderam algumas vezes durante a semana, mas não todos os dias, mostrando que a música é algo presente e constante em seus cotidianos.

Outra pergunta foi sobre o estilo musical que mais gostavam. Eles evidenciaram gêneros como: Rap, Rock, Pagode, sertanejo e K-pop. Quanto ao acesso, todos responderam que escutam música através do celular, pelas plataformas *YouTube* e *TikTok*. O local apontado em que mais ouviam música foram suas residências, ou seja, no ambiente familiar.

Na pergunta se já teriam aprendido sobre algum assunto ouvindo música, a maioria respondeu que sim, e pouquíssimos disseram que não. "Você lembra de algum professor que já trabalhou com músicas em sala de aula?" A resposta foi unânime: sim.

Já ouviu falar sobre o Festival Folclórico de Parintins? Aqui metade dos entrevistados responderam que sim, a outra metade disse que não; mas, quando perguntamos sobre se já ouviram falar sobre os bois Garantido e Caprichoso, os que disseram não na resposta anterior falaram que sim, em algum momento já tinham ouvido falar sobre os bois vermelho e azul.

Na pergunta se já ouviram as toadas do Festival Folclórico de Parintins, apenas 4 alunos responderam que sim, o restante dos entrevistados respondeu que já ouviram falar do Garantido e Caprichoso, mas que nunca prestaram atenção nas toadas que cantam. Neste sentido, percebemos que a informação sobre o Festival circula de formas distintas, ligando-se mais à tradição dos bois, do que ao nome que o festejo adquiriu ao se tornar um evento midiático.

Na pergunta seguinte, buscamos informações sobre aulas de história. Nas aulas de história, a música foi utilizada para aprender algo? A resposta foi gritante, não. No ensino de história, a música ainda não tinha sido utilizada com eles como um recurso didático pedagógico no ensino desse componente curricular.

Logo após a chegada das autorizações, foi colocada em prática a sequência didática apresentada acima, simultaneamente iniciamos a pesquisa com os professores, apresentada no capítulo anterior. Como já mencionado, tivemos de recalcular a rota, pois apenas 13 alunos foram autorizados a participar do 2º momento da pesquisa. A seguir, descreveremos o desenvolvimento das atividades e os resultados alcançados.

No 1º momento, foi feito uma roda de conversa com os alunos, perguntando sobre o que sabiam sobre a cidade de Parintins. Alguns não souberam responder, por não saber onde ficava Parintins, muito interessante esse momento, pois chegamos a pensar no processo de aprendizagem de localização geográfica, com a indagação: "Mas, será que eles sabem pelo menos localizar a cidade onde mora?" Refletimos que localizar-se geograficamente está ligado a se reconhecer como um sujeito histórico, como parte de grupo sociais, de uma sociedade, de uma nacionalidade.

No entanto, ao indagar sobre o Festival do Boi Bumbá de Parintins, logo levantaram a mão e, pasmem, todos sabiam sobre o festival ou já ouviram falar. Apenas 1 aluno, retratou que todos os anos sua família vai ao Festival, por apreciar os bois. Sua fala animou a conversa, pois ele começou a contar sobre suas experiências com o Festival, que todos de sua família são torcedores do Boi Garantido, e foi falando que sua avó esteve lá na criação do Boi Garantido e guarda um livreto que contém as primeiras toadas desse boi, livreto que é passado de geração em geração para apenas os homens da casa, que segundo ela, o avô pede para guardar a sete chaves, sendo visto como um amuleto nessa família.

Com muita curiosidade, pedi permissão para ver e conversar com esse avô, e com a esperança de ver esse livreto e mostrar na pesquisa o quanto muitos levam a sério a tradição do Festival, o quanto a cultura popular corre nas veias desse povo. Para minha tristeza, o meu pedido foi negado.

De fato, a pesquisa em si, é como uma roda gigante, tem altos e baixos, ora você sonha, imagina, planeja e está sempre lá no alto, mas vai precisar descer dela.

No 2º Momento, após a roda conversa, decidi que mudaria os momentos da sequência didática, para poder chegar aos objetivos. Nesse segundo momento,

apresentei um vídeo sobre a história do bumba-meu-boi, que explicava a história do bumba meu boi lá do Maranhão, e explicando que é uma manifestação cultural, popular e artística do folclore brasileiro, sendo reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), e como Patrimônio Cultural do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Mostrava ainda que nessa festa há uma encenação de uma narrativa por meio das músicas, danças e indumentárias que identificam os personagens. A história do bumba-meu-boi, que envolve a dança e as músicas, está ligada à lenda de um casal de escravizados, chamados Pai Francisco e Mãe Catirina. Catirina estava grávida e começou a ter desejos por língua de boi. Pai Francisco, para atender o desejo de Catirina, matou o boi mais bonito de seu senhor (fazendeiro). Quando o dono notou o sumiço e a morte do animal, convocou curandeiros e pajés para ressuscitá-lo, e assim o boi voltou à vida, e toda comunidade o celebrou com uma grande festa. Francisco e Catirina receberam o perdão do dono do boi.

Após essa apresentação do vídeo, montei uma roda de conversa e perguntei se eles tinham algo a falar ou perguntar. Foi interessante que um dos alunos disse que o bumba-meu-boi não é da nossa região amazônica, já que não se tem muitos bois. Outro falou que é uma lenda de outra região, já outros desconheciam a origem do bumba-meu-boi e que, após o vídeo, puderam conhecer essa “lenda”.

Enfim, pude perceber que as lendas para esses alunos são histórias contadas por “pessoas do interior” ou “índio”, termo com qual os alunos conheciam até então sobre os povos originários. Ficou claro que o Festival Folclórico, na visão deles, é algo que se refere a outro lugar.

No 3º Momento, apresentei um vídeo sobre o Festival Folclórico de Parintins, explicando sua origem e os festejos. A partir desse momento, percebi a inquietação por parte dos alunos, que até então estavam atentos aos momentos anteriores. Assim que a apresentação do vídeo terminou, pedi a uma professora que conversasse com os alunos sobre sua paixão pelo Boi Garantido, que segundo seu relato, advém do Povo Sateré Mawé, e sua paixão começou ainda menina quando ouvia junto com os seus familiares as toadas de boi, principalmente do Boi Garantido. Hoje é torcedora desse Boi, sua cor favorita é o vermelho e já visitou diversas vezes o município de Parintins para prestigiar o Festival Folclórico de Parintins.

Após a apresentação de relato da professora convidada, pedi que desenhassem o que tinham aprendido até o momento. Alguns se propuseram a desenhar, algo que podemos ver, logo em seguida, em algumas de suas demonstrações artísticas.

Figura 5. Desenho da festa do boi bumbá de Parintins



Fonte: Autoria própria, 2023.

O aluno apresenta uma representação da festa do boi, a qual parece estar associada aos festejos juninos, tendo o boi como personagem que domina a cena. Demonstra ter percebido que toda a festa gira em torno do boi e que também comprehende a ligação entre o boi do Amazonas e o do Maranhão. Neste aspecto, destacamos o papel do vídeo, ou seja, da imagem associada a uma explicação coerente, sendo interessante um aprofundamento na imagem.

Figura 6. Desenho do símbolo do boi Garantido



Fonte: Autoria própria, 2023.

Aqui, sobressai a relação de amor e de devoção ao boi de sua preferência. Neste caso, acreditamos que o relato da professora torcedora do Garantido foi significativo na percepção acerca do que liga a pessoa a certo boi. É bem provável que o aluno tenha articulado o relato da professora com a exposição feita pelo colega na primeira roda de conversa.

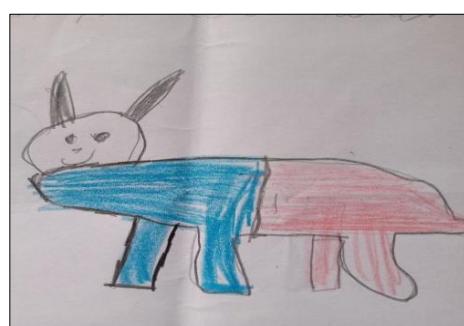
Figura 7. Desenho representando a união dos bois numa só festa.



Fonte: Autoria própria, 2023.

A figura 3 expressa a forma como as raízes da festa, assim como a festa se dá na atualidade, ao representar os dois bois e suas respectivas cores. Essa percepção também se apresenta na Figura 8 que, no entanto, coloca Garantido e Caprichoso no mesmo espaço no corpo do boi, o que talvez signifique que houve a compreensão de que há um traço de unidade na festa, algo que transcende a competição.

Figura 8. Representação do boi



Fonte: autoria própria, 2023

A Figura 9 expressa a maneira como o aluno vê o festival folclórico de Parintins, porém ainda fica claro como as cores chamam atenção, pois, para os condecedores dessa disputa, as cores ficam muito mais evidentes do que qualquer outro elemento.

Nos desenhos, fica claro como as cores são associadas imediatamente nas pinturas, comprehende-se que os sentidos são primordiais numa reflexão, pois o que viram e o que ouviram os levaram às mais diversas produções. Nesse sentido, podemos dizer que, ao levar em conta a curiosidade das crianças, as músicas se tornam um dos recursos didático-pedagógicos muito interessantes quando aplicadas em sua totalidade.

Figura 9. Representação dos bois numa paisagem rural



Fonte: Autoria própria, 2023.

A Figura 10 chama a atenção quanto a presença dos dois bois, numa paisagem rural, o que remete a um entendimento das origens do festejo e também sua articulação com o ambiente amazônico. Nesse sentido, percebemos a interação dos animais com a natureza, sendo deste um dos temas mais abordados nas toadas.

A figura abaixo apresenta elementos presentes no Festival: o boi, o pagé, um personagem de calça e camiseta e um indígena que domina a cena, servindo de pano de fundo e sendo muito maior que os outros personagens, inclusive o boi, que paira acima de todos. Nota-se o uso de um traço mais contemporâneo, que lembra um pouco o estilo dos mangás, notadamente na figura do indígena. Sem superestimar o desenho, inferimos que o aluno percebe o Festival como caracteristicamente

amazônico, um espaço no qual uma sociedade composta por povos originários e tradicionais interage com elementos da sociedade globalizada.

Figura 10. Visão do aluno(a) sobre os elementos presentes no festival



Fonte: Autoria própria, 2023.

Na última etapa da sequência, trabalhamos direto com a toada selecionada. Ouvimos a toada do Boi Caprichoso, intitulada “Guardiãs” (2020) que, como já mencionado, foi inspirada na Marcha das Mulheres Indígenas em 2019, e como é inspirada pela luta das mulheres indígenas, ou seja, são mulheres fazem a interpretação da música. Talvez, em virtude do apelo de alguns temas tratados nas toadas ou de uma nova tendência em relação aos intérpretes, segundo Silveira e Sena, “começam a despontar, com protagonismo, as vozes femininas dos Bumbás” (2021, p. 17). O certo é que as questões acerca das lutas das mulheres por direitos e igualdade já há algum tempo fazem parte do contexto do Festival.

Mas, é nesse momento que percebo a inquietação por parte de alguns alunos ao ouvirem a toada, e um deles chegou a dizer que era muito chato ouvir essas músicas. Assim que acabou a música, fiz uma roda de conversa sobre quais motivos a toada não era interessante. Não houve muitas falas sobre a minha indagação e nem sobre a fala do colega. Apenas um aluno se colocou de forma assertiva, expôs que essa música não fazia parte do seu cotidiano, só ouvia em época do festival.

Foi nesse momento que não consegui mais ir além; foi um balde de água fria na pesquisa, parecendo que todos os objetivos pretendidos estavam fragmentados. Por outro lado, percebi que estava tratando com crianças, para as quais as coisas devem ser rápidas, de imediato, pois as plataformas de entretenimento são curtas e rápidas e é nelas que elas passam parte do seu tempo fora da escola.

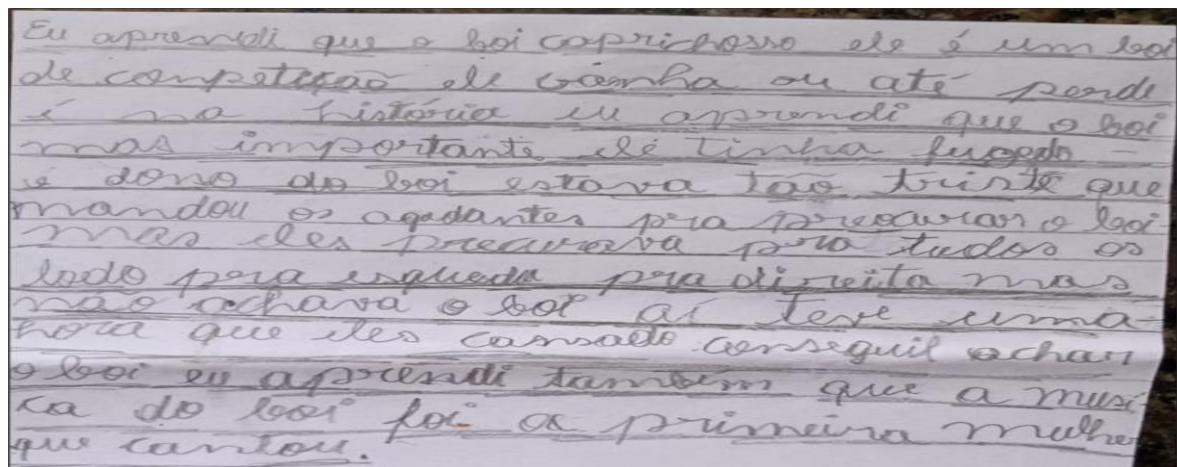
Será que chegamos ao ponto de dizer que a tecnologia pode ajudar, mas ao mesmo tempo atrapalhar o processo de ensino-aprendizagem? Talvez, sim. Fiz um teste, apresentando algumas músicas da plataforma *TikTok*, e logo obtive respostas e reações. Pasma, verifiquei que meus alunos começaram a cantar e dançar, achando divertido aquele momento.

Passado esse momento de “susto”, voltamos a ouvir a toada “Guardiãs”. Em seguida, pedi aos alunos que escrevessem o que entenderam da letra e o que aprenderam até aquele momento sobre as toadas. Obtivemos produções interessantes.

A produção textual, para muitos alunos dessa escola, não é algo visto com frequência, apesar de os professores deverem inclui-la em seus planos de ensino. Contudo, como a prova em larga escala solicita apenas leitura e interpretação, muitos docentes acabam se restringindo a esses dois eixos.

A produção textual ficou defasada para esses alunos e, normalmente, quando se pede uma pequena produção, muitos possuem dificuldades em produzir. Mas, aqui conseguimos ampliar esses horizontes através da música e, mesmo com erros ortográficos, pouquíssimos se interessaram em escrever.

Figura 11. Produção textual sobre a história do bumba meu boi



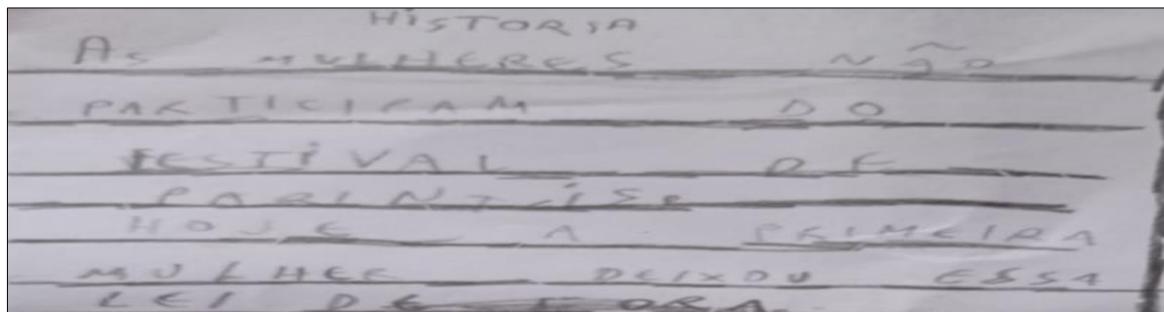
Eu aprendi que o boi é um boi de competição ele vênia ou até perde é na história eu aprendi que o boi mais importante ele tinha fugido e dono do boi estava tão triste que mandou os apadeiros pra prender o boi mas des preava pra todos os lado pra esquerda pra direita mas não achava o boi ai teve uma hora que eles cansado conseguiram achar o boi eu aprendi também que a musica do boi foi a primeira mulher que cantou.

Fonte: Autoria própria, 2023.

No texto acima, o aluno conta a história do bumba-meu-boi, enfocando as raízes da festa, ou seja, projetando temporal e espacialmente as informações que reteve sobre a festa do boi para o passado. Diferencia com clareza o Festival do que aprendeu sobre a lenda do boi do Maranhão, o que está explícito logo no início do texto, quando explica que o Boi Caprichoso é um boi de competição.

Por outro lado, bem no finalzinho destaca de forma incipiente o papel da mulher na toada trabalhada. É relevante ressaltar o que a música trabalha, as interpretes são mulheres, ou seja, há uma quebra de um momento histórico, na qual se tem mulheres cantando as toadas.

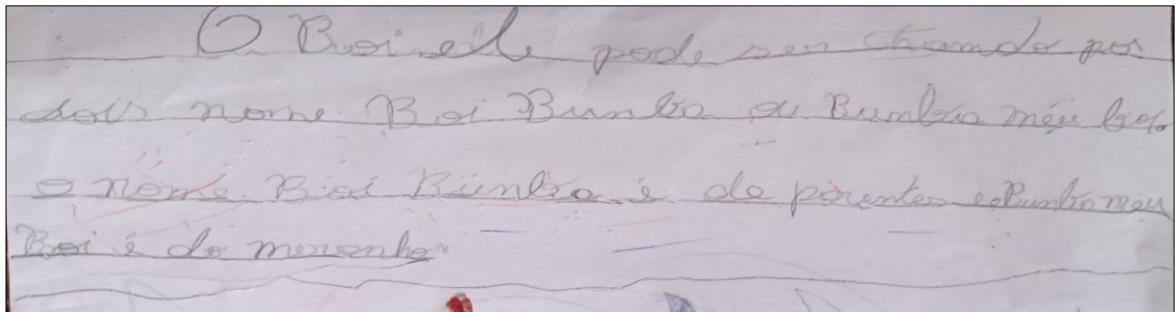
Figura 12. Expressão do aluno(a) sobre a participação da mulher no festival folclórico de Parintins



Fonte: Autoria própria, 2023.

Na Figura 12, é destacado a questão da participação feminina na festa. Formado por duas frases, a segunda é bastante enfática quanto à participação da mulheres na festa, o que talvez seja decorrente de uma percepção acerca das lutas das mulheres por direitos, bem como seu protagonismo em vários setores da sociedade local e global, algo que é abordado em mídias consumidas pelos jovens e por todos nós – como filmes, novelas etc – e pela postura, ação e discurso de mulheres que também são difundidos pelas mídias digitais.

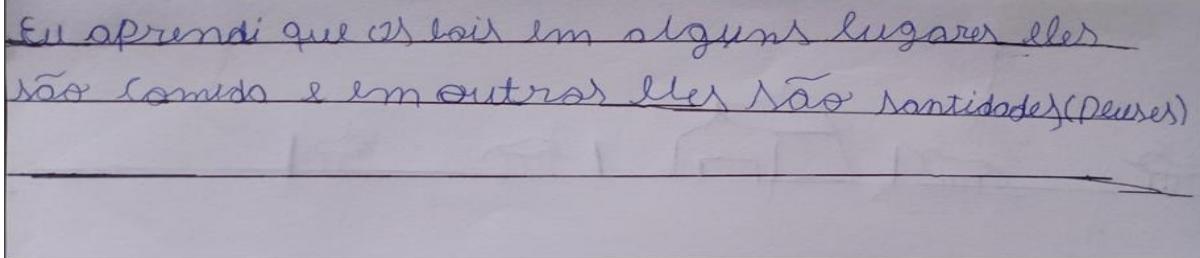
Figura 13. Produção do aluno(a) sobre o bumba meu boi e o boi-bumbá de Parintins



Fonte: Autoria própria, 2023.

No texto acima se apresenta uma perspectiva interessante, na qual o nome do festejo identifica o seu local de pertencimento, demonstrando que houve o entendimento que as mudanças espaciais e temporais definem sua identidade e a relação que estabelece com as pessoas que vivem no Maranhão e no Amazonas. Ou seja, os dois nomes identificam a festa do boi; no entanto, no Amazonas ela se vincula ao lugar e a seus habitantes, quando diz que “o nome Boi Bumbá é de parentes”, isto é, relacionando-o diretamente aos indígenas.

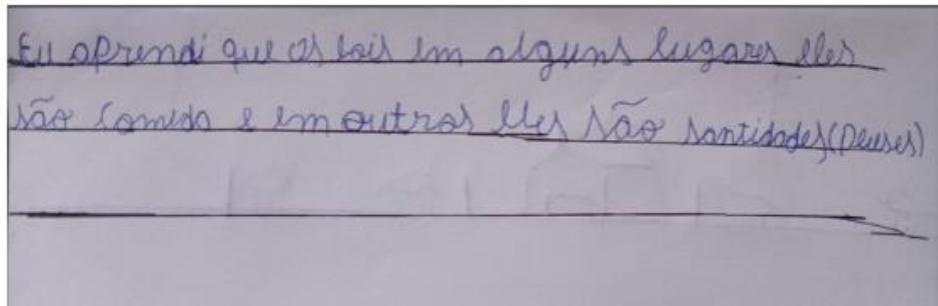
Figura 14. Expressão do aluno(a) sobre como é tratado os bois em diversas culturas



Fonte: Autoria própria, 2023.

Esse aluno diferencia com muita precisão a mudança de sentido imposta à lenda do boi ao ser transposta para o Amazonas, pois, na festa maranhense, mesmo sendo o personagem-chave na trama, no final cumpre o seu destino de boi ao ser comido. Na festa amazonense, percebe-se que a lenda é reproduzida por outros elementos culturais e sociais que ressignificam o papel do boi, tornando-o objeto de celebração e reverência, como diz a “santidade (deuses)”.

Figura 15. A participação feminina na toada



Fonte: Autoria própria, 2023.

O texto contido na Figura 15 foi o único que expressou de forma mais direta o significado da toada, ainda que faça referência ao fato de ela ser cantada por uma mulher. No entanto, é o final da sentença que nos permite afirmar que, ainda que latente, mostra isso ao explicar que as mulheres hoje podem cantar o que quiserem “porque elas hoje são livres e felizes”. Ainda que saibamos que liberdade e felicidade são ideias bem complexas em suas definições, evidencia-se uma percepção temporal e de mudança quando se usa a expressão “hoje em dia”.

Findas as atividades, algumas questões foram respondidas, enquanto outras só nos causam inquietação por enquanto. Quanto às primeiras, percebemos que o ensino de História vem passando por transformações, mas que não vem sendo acompanhadas, discutidas e muito menos trabalhadas nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Em suma, percebemos que há muitos entraves, destacando-se o fato de que a displicência fica à sombra de outras disciplinas, privando-a da relevância devida; a pesquisa destacou também que os cursos de formação profissional em Pedagogia e Normal Superior, ainda que contemplam o ensino de História em suas estruturas curriculares, reproduzem a lógica de que, nas séries iniciais, existem disciplinas de primeira linha e de segunda linha, sendo a História uma delas.

Essas transformações mencionadas apontam que não é só ensinar por ensinar História, mas envolver o aluno na sua própria história, articulando o local, o regional, o nacional e o global. São essas algumas das contribuições que o campo de estudo do Ensino de História vem, ao longo do tempo, tentando mostrar: trabalhar o micro para o macro, do regional para o nacional, mas sem deixar que um domine o outro, sem estabelecer hierarquias.

Constatamos também que a música é um dos recursos utilizados pelos

professores de modo geral. Inferimos, pelas falas dos professores entrevistados, que a música é encarada como facilitadora no processo de ensino-aprendizagem, seja por suas características intrínsecas – ser arte, ser lúdica, ser prazerosa etc. – seja por existir uma certa tradição de sua utilização em momentos específicos, como, por exemplo, nas datas cívicas e em outras comemorações escolares.

Enfim, no ensino de História, os dados coletados mostram que a música é pouco ou nada utilizada como facilitadora e muito menos como fonte histórica. Isso nos faz pensar que o ensino da História ainda se situa na dimensão da memorização, da factualidade, das datas e dos heróis.

Quando pensamos na chamada música regional, nas toadas em especial, fica a decepção, sobretudo ao percebermos que o imenso potencial acumulado nestas canções segue não utilizado, segregado a momentos especiais e a dimensão da folclórica.

Quantas questões pertinentes ao Amazonas e a Amazônia poderiam ser trabalhadas por meio das toadas? Como a sua musicalidade, poesia, ritmo e coreografias poderiam estimular a discussão de temas cruciais para a sociedade amazônica, no plano da história e de outras disciplinas? Por que o professores amazonenses, em sua maioria nascidos e criados no estado, não concebem que as toadas podem transformar suas aulas?

Chegado ao ponto das questões não respondidas ou suscitadas pela pesquisa, indaga-se: porque será que o quê está longe pode se tornar mais interessante do que aquilo que está perto? Porque no ensino da hsitória continuamos apegados a uma visão da história que a afasta da vida? Onde estamos errando nas séries iniciais, será que a preocupação de fazer o aluno a aprender a ler e escrever deve estar acima de todas as competências de outras disciplinas, pensando que isso se é perceptível e agravado quando esse pequeno aluno sai das séries iniciais e vai para o Ensino Fundamental II, ou seja, descobre que, talvez, não tenha aprendido nada no ensino de história que vivenciou?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da sequência didática os objetivos puderam ser alcançados de modo sutil, pois a reflexão a cerca do que foi proposto aos alunos demonstrou, através de suas produções, uma dinâmica bem interessante, pois, tiveram vários momentos históricos retratados nos desenhos e na escrita.

Isto é, de fato a introdução da música como um recurso didático pedagógico é uma proposta que chama o interesse dos alunos, mas apliar uma música regional ainda é bastante desafiador, pois estamos numa geração imediatista com uma cultura midiática fortemente enraizada no cotidiano dos alunos.

Para fins de pesquisa, essa sequência didática tornou-se uma proposta de produto para que ela possa ser aplicada novamente, mas com uma visão ampliada, onde, posteriormente, conseguiremos alcançar novos objetivos.

Embora eu goste de ouvir músicas, as toadas de boi-bumbá nunca fizeram parte do repertório familiar. Na escola, contudo, podia, em alguns momentos, presenciar e ouvir essa cultura popular. Como aprecio compreender as letras e o que está por trás delas, ouvi-las para mim é mágico, e quem canta, seus males espanta.

Quando iniciei o Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), ainda buscava entender sobre o ensino de História nas séries iniciais, tendo em vista que já estava há dois anos lecionando para 14 turmas somente o componente curricular de História, ou seja, atuava com esse ensino desde o 1º até o 5º ano do Ensino Fundamental I.

Mesmo lecionando nesse nível, não encontrava motivos para ensinar História às crianças, já que os professores pedagogos são direcionados ao processo de alfabetização e às disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

Assim que tive a oportunidade de aprender ainda mais no PROFHISTÓRIA com minhas professoras, desenvolvi a compreensão da grande importância do ensino de História para as crianças do Fundamental I. Com o passar das aulas, as reflexões foram ocorrendo e surgiu uma indagação sobre a história local, ou seja, estava trabalhando do macro para o micro e percebendo o mesmo por parte dos meus colegas pedagogos que também lecionavam.

De fato, com essa reflexão, houve um dia, ainda em 2022, em que prestei mais atenção ao Festival Folclórico de Parintins, transmitido pelas plataformas

digitais e em suas músicas. Durante os dois anos da pandemia da COVID-19, as toadas tiveram mais destaque nessas plataformas, percebendo que ainda há distanciamento da cultura regional por parte dos nossos alunos.

Vieram então as reflexões sobre a utilização das músicas folclóricas como recurso didático-pedagógico, sendo que, ao trabalhar com crianças, o lúdico é muito importante no desenvolvimento delas.

Com efeito, o resultado dessa observação inicial no meu ambiente escolar foi que as músicas só eram utilizadas em momentos cívicos programados pela escola. Além disso, apesar de haver professores que são torcedores e amantes do Festival Folclórico de Parintins, os mesmos não utilizavam as toadas em sala de aula, o que se confirmou na pesquisa. Por vários motivos, sejam pessoais, relacionados a gostos musicais ou à formação pedagógica, poderia explicar a não utilização das toadas como recurso didático-pedagógico em seus planejamentos.

Ademais, como vimos em alguns resultados apurados junto aos professores, as motivações envolvem as famílias dos discentes, cuja prática religiosa não aceita ouvir esse tipo de estilo musical – o que ainda me causa estranheza, considerando que as músicas da plataforma *TikTok* são bem aceitas por essa geração e, em grande parte, pelas famílias – além de outros motivos de ordem profissional, entre outros.

Colocar em ação as toadas de boi bumbá na sala de aula não foi fácil, pois apesar de alguns professores não se interessarem pela temática, muitos alunos não foram autorizados ou preferiam não participar com efetividade da pesquisa. Destaco que a proposta foi, em certa parte, realizada; porém, deixou inúmeras questões sem resposta e um longo caminho a percorrer para entender a não inserção das toadas no processo de ensino e aprendizagem em história.

Por esses e tantos outros motivos, foi um grande desafio, tendo em vista acreditar serem as toadas instrumentos e fontes que podem ser trabalhadas no ensino de História ou em qualquer outra disciplina, enfatizando que a história e a cultura local do povo amazonense estão ainda nas entrelinhas das bases curriculares.

Neste aspecto, fui incentivada a pesquisar o uso da música no Ensino de História, a história e as toadas do Festival Folclórico de Parintins, acreditando que a introdução de atividades sobre o tema não seria algo novo para os alunos do 5º ano. Ao mesmo tempo foi um estímulo buscar divulgar as toadas como patrimônio imaterial e cultural amazonense.

Como um dos objetivos do Profhistória é produzir pesquisas e produtos que possam ajudar os professores em todas as etapas de ensino, decidi desenvolver uma sequência didática que ressaltasse o potencial das toadas para o ensino de história, projetando que pudesse ser inserida no calendário da escola referida no trabalho. A ideia da sequência didática é exatamente mostrar as diferentes maneiras como as toadas podem ser usadas no Ensino de História ou de forma Inter ou multidisciplinar.

No âmbito acadêmico, encontrei literatura tratando de música como fonte de pesquisa histórica e da sua utilização em sala de aula; porém, ainda há uma certa timidez nessa área de pesquisa envolvendo as músicas folclóricas. Assim, para este trabalho decidi produzir uma sequência didática simples, utilizando as toadas nas aulas de História.

Portanto, creio ser essa a contribuição mais importante deste trabalho, pois levanta reflexões sobre as potencialidades interativas que possam contribuir para o ensino de história nas séries iniciais. Diante dessa perspectiva, este estudo se tornou mais interessante, por apontar a chamada música regional como um recurso didático pedagógico importante, principalmente quando se trata da cultura e da história local e regional.

A música por si só trata de diversos temas, entretanto, quando ouvimos a toada de boi bumbá de Parintins, percebe-se o quanto as letras e o som estão interligados a história do povo local parintinense e amazonense. Ao trazer esse tema para o trabalho foi preciso olhar para além do mercado sonoro, foi encontrar nesse ritmo a potencialidade das toadas como um recurso didático histórico, para enfatizar a importância do ensino de História local nas séries iniciais, promovendo uma aprendizagem voltada para o mundo que cerca os estudantes.

Diante do contexto, percebeu-se que o uso de temas históricos e questões sociais e ambientais nas toadas de boi bumbá de Parintins podem ser exploradas de várias formas, levando em conta que estamos atuando junto crianças em processo de alfabetização e pós alfabetização.

Entender como a música, especificamente a toadas de boi bumbá de Parintins, pode contribuir de forma significativa para o processo de alfabetização histórica nas séries iniciais, foi um objetivo alcançado parcialmente. Por outro lado, os entraves ficaram relativamente bem configurados, mas ambas as constatações mostraram que tudo é possível para uma futura proposta de investigação.

Não é exagero meu dizer o quanto este trabalho e a experiência de pesquisa mudaram a minha concepção com relação às minhas práticas pedagógicas. Antes, eu não conseguia enxergar a potencialidade do ensino de História na vida escolar e pessoal das crianças, e pensar nelas ainda é ver que algo pode e deve melhorar muito, me possibilitando ver que poderia ensinar História para além das datas e dos fatos já escritos nos livros didáticos.

Mandar, muitas vezes, os discentes fazerem desenhos ou copiarem coisas sem sentido, lerem apenas o que está no livro didático sem relação com os fatos ou deixarem seus alunos no vazio das práticas maciçamente tradicionais, enquanto muitos deles ficam com os olhos brilhando, querendo saber mais, é isso que esperam de nós e que espero de mim mesma.

Agora, ao fim desta etapa de aprendizado, os "com os", os "para quês" e os "porquês" fazem sentido à minha volta. Só me falta buscar colocá-los em verdadeira prática, de modo que façam sentido para os alunos, estimulem o processo da curiosidade e da investigação e os permitam verem-se como pequenos pesquisadores da história, ou até mesmo de sua própria história.

Por fim, para celebrar a realização desta dissertação, cito os versos da toada: "Viva a cultura popular", do Boi Caprichoso (2021).

"Viva a cultura popular
Viva o boi de Parintins
Viva o folclore brasileiro
É boi-bumbá o ano inteiro"

(Composição de Adriano Aguiar, Geovane Bastos e Guto Kawakami)

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História**. São Paulo: Intermeio, 2019.

ANDRADE, Mário de. **Aspectos Do Folclore Brasileiro**. São Paulo: IEB/Global, 2015.

ANDRADE, Mário. **Pequena História da Música**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2015

AMAZONAS. **Referencial Curricular Amazonense: Ensino Fundamental Anos Iniciais**. Manaus: MEC/CONSED/UNDIME, 2019.

AZEVEDO, Luiza Elaine Correa. Uma viagem ao boi-bumbá de Parintins: do turismo ao marketing cultural. **SOMANLU. Revista de Estudos Amazônicos**. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas. Ano II, nº 2: edição especial. Manaus: Editora Valer, 2002.

BAUER, De Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 30 de novembro. 2022.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os bois-bumbás de Parintins**. Rio de Janeiro: Funarte/Editora Universidade do Amazonas, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 9ª ed. São Paulo: Ediouro Publicações S. A, 2000.

COELHO, Fabiano, LEITE, Eudes Fernando. Visitar os mortos, compreender a vida: para que serve a História. In: COELHO, Fabiano; LEITE, Eudes Fernando; PERLI, Fernando (Orgs.). **História: o que é, quanto vale, para que serve?** São Paulo – SP: Letra e Voz, 2021, p. 35-62.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DAVID, Célia M. **Música e ensino de História: uma proposta**. São Paulo: UNESP 2007.

DOROTÉIO, Patrícia Karla Soares Santos. Ensinar história nos anos iniciais do Ensino Fundamental: desafios conceituais e metodológicos. **História & Ensino**, v. 22, n. 2, p. 207-228, 2016.

FARIA, Márcia Nunes. **A Música fator importante na Aprendizagem.** Assis Chateaubriand – PR. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Centro Técnico – Educacional Superior do Oeste Paranaense – CTESOP/CAEDRHS, 2001.

FARIAS, Júlio César. **De Parintins para o mundo ouvir:** na cadência das toadas dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido. Rio de Janeiro, Litteris Ed, 2005.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade:** Um projeto em parceria. São Paulo: Loyola, 1991.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade:** História, teoria e pesquisa. 4^a ed. Campinas/SP: Papirus, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI:** o dicionário da Língua Portuguesa. 3^a ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERNANDES, Ana Rúbia Figueiredo. Festival folclórico: o que muda em Parintins? **SOMANLU. Revista de Estudos Amazônicos.** Publicação do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas. Ano II, n.2: edição especial. Manaus: Editora Valer, 2002.

FREITAS, Itamar. OLIVEIRA, Maria Margarida Dias. **Sequências didáticas para o ensino de História** [livro eletrônico] – Ananindeua, PA: Cabana, 2022.

GUEDES, Fátima. Saga do boi-bumbá em preto e branco. **SOMANLU. Revista de Estudos Amazônicos.** Publicação do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas. Ano II, n.2: edição especial. Manaus: Editora Valer, 2002.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de história:** experiências, reflexões e aprendizados. 13^a ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

HERMETO, Miriam. **Canção popular brasileira e ensino de História:** Palavras, sons e tantos sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acessado em 10/01/2024.

KOSOUSKI, Sirlene. **Jornal como meio de aprendizagem sobre a história local:** os 30 anos de emancipação de Cantagalo. PDF: Produções didático pedagógicas. Caderno PDE, 2016.

LUCINI, Marizete. **Tempo, narrativa e ensino de História.** Porto Alegre: Mediação, 1999.

MEINERZ, Carla Beatriz. **História Viva:** a história que cada aluno constrói. Porto Alegre: Mediação, 2001.

MONTEVERDE, Dé; MONTEVERDE, João Batista. **Boi Garantido de Lindolfo**. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado da Cultura/Editora da Universidade Federal do Amazonas, Universidade do Estado do Amazonas, 2003.

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**, v. 20, n. 39, p. 203-221, 2000.

MORAES, J. Jota de. **O que é música**. São Paulo: Nova Cultural; Brasiliense, 1986.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música**: História Cultural da Música Popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas: boi-bumbá, ciranda e sairé**. Manaus: Editora Valer, 2008.

PIMENTEL, Ângelo César Brandão. Parintins: turismo e cultura. **SOMANLU. Revista de Estudos Amazônicos**. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas. Ano II, nº 2: edição especial. Manaus: Editora Valer, 2002.

PEREIRA, Amilcar A. "Por uma autêntica democracia racial!": os movimentos negros nas escolas e nos currículos de história. **Revista História Hoje**, ANPUH, v. 1, n. 1, 2013.

OLIVEIRA, Sandra Cristina. **O Uso da canção como documento histórico**. Monografia (Especialização em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2001.

RAYNOR, Henry. **História social da música, da Idade Média a Beethoven**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

RIBEIRO, Luis Távora; MARQUES, Marcelo Santos. **Ensino de História e Geografia**. 2ª ed. Ver. e ampl. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

RODRIGUES, Allan Barreto. **Boi-Bumbá: Evolução**. Livro reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins. Manaus: Editora Valer, 2006.

SEFFNER, Fernando. Teoria, metodologia e ensino de História. In: GUAZZELLI, César A. B et al. **Questões de teoria e metodologia da História**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade, 2000.

SILVEIRA, Diego Omar. SENA, Roberto. **O livro da toada: uma antologia Caprichoso**. Manaus, AM: Editora UEA; Rio de Janeiro, RJ: Autografa, 2021.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. São Paulo. Editora 34 Ltda, 1998.

VALENTIN, Andreas. **Contrários. A celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins**. Manaus: Valer: Governo do Estado do Amazonas, 2005.

APÊNDICE

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO PROFESSOR

Olá, Professor(a) Como está? Muito obrigada por participar da pesquisa.

Preciso que responda as questões abaixo:

1. A quanto tempo leciona na Rede Estadual (SEDUC/AM)

() 1 a 5 anos
 () 6 a 10 anos
 () 11 a 15 anos
 () 16 a 20 anos
 () 21 a 30 anos

2. Já lecionou o ensino de História em alguma etapa de ensino?

() sim () não

3. Você acha importante o ensino de história nas séries iniciais?

() sim () não

4. Você gosta de música?

() sim () não () um pouco

5. Qual é o seu gosto musical?

- A. Romântica
- B. Samba
- C. Rock
- D. Rap
- E. Pagode
- F. Reggae
- G. MPB
- H. Sertanejo
- I. Religiosa/Evangélica
- J. Regional
- K. Todas
- L. Outra, qual?

Agora vamos para a sala:

6. Você utiliza as músicas nas suas aulas?

() sim () não () nunca usei

7. De que modo elas aparecem no seu cotidiano escolar?

() nas aulas () nas apresentações () ou de outra forma, qual? _____

8. De que maneira a música faz parte do seu planejamento?

9. Você considera importante a música como uma ferramenta que auxilia no processo de aprendizagem?

10. Você já trabalhou com alguma música, mas como ferramenta o processo de ensino aprendizagem? Qual foi?

11. A música auxilia no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos?

12. Você acha que deveria constar na grade curricular de formação de docentes uma disciplina que focalize a musicalização? Ou deixaria essa função para o professor de artes?

13. Que conteúdos podem ser trabalhados através da música?

14. Você já ouviu ou viu alguma escola ou professor utilizar as músicas regionais em sala de aula?

15. Em algum momento na sua carreira, já viu algum professor utilizar as Toadas de boi Bumbá de Parintins como um instrumento pedagógico?

16. Em sua opinião, porque os professores não utilizam especificamente as toadas de Bumbá de Parintins nas aulas?

17. Você, docente. Gosta das músicas apresentadas no Festival Folclórico de Parintins?

() sim () não () não faz parte do meu repertório

18. Se alguém perguntasse a você, qual música você indicaria que representasse o estado do Amazonas?

APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO DO ALUNO

Olá, querido aluno(a) Como está? Muito obrigada por participar da pesquisa.

Preciso que responda as questões abaixo:

A quanto tempo você está na escola?

() 1 ano

() 2 anos

() 3 anos

() 4 anos

() 5 anos

Qual é a disciplina que você mais se identifica?

() Português

() Matemática

() Artes

() Ciências

() Ensino Religioso

() Geografia

() História

() Educação Física

Você gosta de música?

() sim () não () um pouco

Ouve música com frequência?

() Raramente

() Uma vez ao dia

() Algumas vezes na semana

() Várias vezes ao dia

Qual horário costuma escutar música?

() Durante o dia

() À noite

Qual é o seu gosto musical?

() Romântica

() Samba

() Rock

() Rap

() Pagode

() Reggae

() MPB

() Sertanejo

() Religiosa/Evangélica

() Regional

() Todas

() Outra, qual? _____

O que você utiliza para escutar suas músicas?

() Celular

() Rádio

() Televisão

() Notebook

() Tablet

Para acessar as músicas, qual plataforma utiliza?

() Youtube

() Shopify

() Redes sociais (*Instagram/Facebook*)

() TikTok

() Kwai

Onde você escuta mais música

em casa

na escola

em outro lugar, qual? _____

Já aprendeu algo com a música?

sim não

Você lembra de alguma música que aprendeu na sala e aula?

sim não

Você lembra se algum professor já trabalhou com música na sala de aula?

sim não

Já ouviu falar sobre o Festival Folclórico de Parintins?

sim não

Já ouviu falar sobre o Boi Garantido e Caprichoso?

sim não

Sabe da história que narra as músicas do Boi Garantido e Caprichoso?

sim não

Gostaria de aprender?

sim não

Em algum momento você já ouviu as toadas dos Bois Bumbás do Festival Folclórico de Parintins?

sim não

Que música você gostaria de aprender mais sobre ela?

Nas aulas de história, a música é utilizada?

sim não

O que você entende por música local ou regional?